



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADA E EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

OS TEMAS FRATURANTES E A LITERATURA *CROSSOVER* NA OBRA *OS INVISÍVEIS*, DE TINO FREITAS

MARIA JOSÉ XAVIER DA SILVA

MAMANGUAPE - PB

2024

MARIA JOSÉ XAVIER DA SILVA

OS TEMAS FRATURANTES E A LITERATURA *CROSSOVER* NA OBRA *OS
INVISÍVEIS*, DE TINO FREITAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras do Centro de Ciências Aplicadas e Educação (CCAUE/UFPB), em cumprimento às exigências para a conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Luciane Alves Santos.

Mamanguape - PB

2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586t Silva, Maria Jose Xavier da.

Os temas fraturantes e a Literatura Crossover na obra Os invisíveis, de Tino Freitas / Maria Jose Xavier da Silva. - Mamanguape, 2024.

52 f. : il.

Orientação: Luciane Alves Santos.

TCC (Graduação) - UFPB/CCAIE.

1. Literatura Crossover. 2. Temas fraturantes. 3. Tino Freitas. 4. Os invisíveis. 5. Literatura infantojuvenil. I. Santos, Luciane Alves. II. Título.

UFPB/CCAIE

CDU 82-93

MARIA JOSÉ XAVIER DA SILVA

OS TEMAS FRATURANTES E A LITERATURA *CROSSOVER* NA OBRA OS
INVISÍVEIS DE TINO FREITAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da
Universidade Federal da Paraíba, em cumprimento às exigências para a conclusão do Curso
de Licenciatura Plena em Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Luciane Alves Santos

Aprovado em: 15 / 10 / 2024

Profa. Dra. Luciane Alves Santos
(Orientador – DL/UFPB)

Profa. Dra. Michelle Bianca Santos Dantas
(Examinadora – DL/UFPB)

Profa. Dra. Moama Lorena de Lacerda Marques
(Examinadora – DL//UFPB)

Dedico este trabalho à minha amiga do céu,
Santa Teresa D'ávila, que me ensinou que tudo
passa, que a paciência tudo alcança e que só
Deus me basta.

AGRADECIMENTOS

Santa Teresa D'ávila, intercessora dos professores, ensinou-me que “é justo que muito custe o que muito vale”. É certo que a graduação exige de nós certas renúncias e sacrifícios, para que ao seu final possamos contemplar os frutos dessa jornada. Neste processo, passam por nós, pessoas que contribuíram significativamente ao nosso crescimento profissional e pessoal.

Diante disso, agradeço, primeiramente, a Deus, visto que é graças a Ele que existo e é por causa Dele que tive a oportunidade de cursar esta graduação. Ele que me sustentou, que me guiou, que me fortaleceu, que me ouviu e que me acalmou diante de tantas tempestades que foram surgindo durante a graduação. Sem Ele, certamente, não teria conseguido sequer ter permanecido no curso, tendo em vista que não estaria mais aqui.

Das pessoas que me ajudaram não somente a ficar de pé, mas que também me deram todo suporte necessário para que eu pudesse estudar, agradeço a vocês, meus pais, que sempre foram tão fundamentais. Eles que formam a minha base familiar, que sempre trabalharam e se dedicaram para que seus filhos pudessem chegar à graduação. À minha mãe, agradeço por ter sido paciente comigo. Ao meu pai, agradeço por ter me ensinado a lutar pelos meus objetivos, por mais que viessem os ventos contrários.

Dentro da minha família, ainda, agradeço aos meus irmãos. Eles me ensinaram o que significa união, companheirismo e amor. Sim, amor. Existem pessoas a quem confiamos nossa vida, e indubitavelmente, vocês são essas pessoas para mim. Vocês são o lugar seguro onde posso descansar. A minha irmã mais velha, Carla, agradeço-te por me ensinar a ser responsável, a cumprir com meu dever, a ter disciplina. A primeira de nós a sair de casa em busca dos sonhos. Ao meu irmão Cássio, você é alegria em meio às tribulações. Você me ensina a ver a vida com mais leveza.

Aquela que me fez com que eu me apaixonasse pela leitura, que me fez ver nas letras uma alternativa acertada. À você, Caroline, agradeço por ser o meu “lado calmaria”. Você me ensina constantemente o sentido de paciência. Em você, contemplei os frutos da docência. Carol, obrigada por ser minha escuta tantas vezes e por ter me ajudado a refazer a rota tantas outras.

Meu caçulinha, Carlos Eduardo, a você busco ser exemplo e por isso te agradeço. Pois por você busco sempre ser melhor, assim como nossos irmãos sempre foram - e são - para nós. Sinto muito por ter, algumas vezes, mostrado um lado meu tão fraco. Diante desses momentos você me ensinou a ser forte. Obrigada, Dudu, você é sinônimo de persistência para mim.

Não poderia deixar de agradecer também a minha cunhada, Rozilene. Você se uniu a minha família como uma irmã para mim. Obrigada por me ensinar a ser determinada. Agradeço também aos seus filhos, meus sobrinhos. Davi Lucas, que me deu o título de tia, que foi minha cobaia nos estudos de desenvolvimento infantil. Meu menino, nunca imaginei que uma criança pudesse me ensinar tanto. Você é a pessoa mais corajosa que eu conheço. Obrigada por me ensinar que não há problemas que não possamos superar. À minha princesinha, Maria Giovanna, você chegou em um dos momentos mais difíceis da minha vida e trouxe contigo toda doçura. És de fato agraciada por Deus.

Aos meus amigos padre Pedro Felipe e padre Bruno, agradeço-os por me ensinarem a confiar cegamente na vontade de Deus. Vocês são fundamentais em minha vida, sou grata por suas palavras de ânimo e vida e por suas orações, que sempre me alcançaram.

Durante a graduação compreendi que as amizades são o que tornam a vida acadêmica mais leve. Diante disso, não poderia deixar de agradecer aos meus “companheiros de dor”, que estiveram ao meu lado desde o início, que me incentivaram a continuar, que compartilhavam comigo todos os momentos bons e ruins. À vocês, Alexandro, Ariandna, Raquel, Gilmara e Jakellynne, sou imensamente grata por dividirem comigo esses longos 5 anos de graduação. Com vocês tudo se tornou mais fácil. Agradeço também à Milena, Maria Vitória, Janaína, Karolayne, Crislene e Élide, caminhar com vocês nessa graduação também foi essencial para que o fardo fosse mais leve.

À senhora, professora Luciane Santos, que para mim foi bem mais que uma orientadora. Que tão pacientemente me guiou durante o projeto de pesquisa e neste momento, no meu trabalho de conclusão de curso. Professora, não tenho palavras para definir como sou grata por tê-la como mentora. Se hoje estou no processo de concluir minha graduação, foi porque a senhora não desistiu de mim. Através da senhora vejo um exemplo a seguir na docência e na vida. Em sua pessoa, agradeço a todos os professores do curso de Letras, que foram fundamentais para que eu pudesse obter os conhecimentos necessários para seguir em minha profissão. Guardo um carinho especial por cada um de vocês e levarei comigo - e para minha sala de aula - todos os ensinamentos que me foram proporcionados.

À banca examinadora, agradeço por aceitarem contribuir com o meu trabalho. À professora Moama Marques, que logo quando cheguei me recebeu na graduação, obrigada por ter aceitado trilhar comigo até o final. À professora Michelle Dantas, que foi a primeira professora que conheci da graduação de Letras, antes mesmo de iniciar nesta jornada, obrigada por estar comigo até o final.

Agradeço à Universidade Federal da Paraíba, em especial ao Campus de Mamanguape, pela oferta do curso Letras e por me proporcionar vivências significativas não apenas na minha jornada acadêmica, mais em minha vida pessoal. Toda a instituição, e isso inclui todos os profissionais que passaram por mim, foi importante para a minha formação.

Por fim, na pessoa de Deuza Rosângela (*in memória*), minha primeira professora de Língua Portuguesa, agradeço a todos os professores do ensino fundamental e médio, que acompanharam meu processo formativo até aqui, que me incentivaram e torceram pelo meu crescimento profissional e pessoal. Vocês deixaram marcas eternas em mim. Obrigada.

RESUMO

O conceito de literatura infantil se deu a partir do século XVII, quando a concepção de infância passou a ser considerada socialmente. Diante desse fato, as obras destinadas e/ou consumidas por este público tinham o intuito de educar moralmente as crianças por meio de textos que inauguraram o gênero, como as *Fábulas* (1668), de La Fontaine, e *Contos da mãe gansa* (1697), de Charles Perrault. Ainda que não fosse o objetivo inicial, essas narrativas, oriundas da tradição oral, foram adaptadas e alcançaram as crianças. Essa produção literária teve sua propagação pela Europa e não tardou em chegar ao Brasil por meio das traduções e adaptações de Carlos Jansen e Figueiredo Pimentel. No século XX, a literatura infantojuvenil consolidou-se no país por meio das obras de Monteiro Lobato que abordou elementos da cultura brasileira, porém sem adição de conflitos sociais. Na contemporaneidade, observamos que novas constituições sociais permitiram que temas sensíveis fossem discutidos e incorporados aos textos infantis e juvenis, bem como houvesse uma disseminação da leitura para diferentes faixas etárias. Instigados pela crescente renovação da literatura infantojuvenil, optamos por trabalhar os temas fraturantes e a literatura *crossover* em obras infantis. Assim, o objetivo deste trabalho consiste em analisar a contribuição da obra *Os invisíveis*, de Tino Freitas, para que jovens leitores reflitam sobre a convivência com o Outro, em busca da alteridade. A metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica, que permite uma análise aprofundada das contribuições teóricas existentes sobre as temáticas sociais fraturantes e a literatura infantojuvenil. Esta pesquisa se divide em três capítulos: o primeiro traça o percurso histórico da literatura infantojuvenil, bem como um panorama dos principais temas abordados utilizando-se de autores como Cademartori (2010), Coelho (1985), Colomer (2003), Lajolo e Zilberman (2007), entre outros autores. No segundo capítulo, discorremos acerca da Literatura *Crossover* e dos temas fraturantes à luz de Falconer (2004), Duarte (2023), Hanke (2018), Seixas (2023) Lira (2021). Por fim, o terceiro capítulo consiste na análise da obra *Os invisíveis* (2021) de Tino Freitas, embasando-se nos conceitos de alteridade em obras infantis por Balça (2010) e a invisibilidade social em obras ilustradas por Gili (2016). Sendo assim, compreendemos a relevância de elucidar os temas sensíveis como a indiferença social, o preconceito com crianças, o etarismo e o distanciamento decorrente da tecnologia, em textos que permeiam entre adultos e crianças, bem como a capacidade do ser humano em enxergar estes Outros que são invisibilizados em uma sociedade cada vez mais utilitarista.

Palavras-chave: Literatura *Crossover*. Temas fraturantes. Tino Freitas. Os invisíveis. Literatura infantojuvenil.

ABSTRACT

The concept of children's literature emerged in the 17th century when the idea of childhood began to be socially recognized. As a result, works aimed at or consumed by this audience intended to morally educate children through texts that initiated the genre, such as La Fontaine's Fables (1668) and Charles Perrault's Mother Goose Tales (1697). Although not the initial goal, these narratives, originating from oral tradition, were adapted and reached children. This literary production spread across Europe and quickly arrived in Brazil through translations and adaptations by Carlos Jansen and Figueiredo Pimentel. In the 20th century, children's literature became established in the country through the works of Monteiro Lobato, which addressed elements of Brazilian culture without including social conflicts. In contemporary times, new social constructs have allowed sensitive topics to be discussed and incorporated into children's and youth texts, alongside a broader dissemination of reading across different age groups. Inspired by the growing renewal of children's and youth literature, we chose to explore fracturing themes and crossover literature in children's works. Thus, the objective of this study is to analyze the contribution of the work **Os Invisíveis** by Tino Freitas, encouraging young readers to reflect on coexistence with the Other in pursuit of alterity. The adopted methodology was bibliographic research, allowing for an in-depth analysis of existing theoretical contributions on fracturing social themes and children's literature. This research is divided into three chapters: the first outlines the historical trajectory of children's literature and provides an overview of the main themes using authors like Cademartori (2010), Coelho (1985), Colomer (2003), and Lajolo and Zilberman (2007), among others. The second chapter discusses Crossover Literature and fracturing themes based on Falconer (2004), Duarte (2023), Hanke (2018), Seixas (2023), and Lira (2021). Finally, the third chapter analyzes **Os Invisíveis** (2021) by Tino Freitas, grounding itself in the concepts of alterity in children's works by Balça (2010) and social invisibility in illustrated works by Gili (2016). Therefore, we understand the importance of elucidating sensitive themes such as social indifference, prejudice against children, ageism, and the distancing caused by technology in texts that bridge adults and children, as well as the human capacity to see these Others who are increasingly rendered invisible in a more utilitarian society.

Keywords: *Crossover* Literature. Fractured themes. Tino Freitas. *Os invisíveis*. Children's and young adult Literature.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Primeira edição do livro <i>Os invisíveis</i> (2013)	35
Figura 2: <i>Os invisíveis</i> (2013) ilustrado por Renato Moriconi.....	36
Figura 3: Descolorir.....	36
Figura 4: Perda da essência dos indivíduos.....	37
Figura 5: Moradores de rua.....	38
Figura 6: <i>Os invisíveis</i> (2021) ilustrado por Odilon Moraes.....	39
Figura 7: O menino invisível.....	41
Figura 8: Fases da invisibilidade.....	41
Figura 9: O poder da pureza de coração.....	42
Figura 10: Garis.....	44
Figura 11: O menino e o Outro.....	45
Figura 12: Porteiro da escola.....	45
Figura 13: A multidão no centro da cidade.....	46
Figura 14: O auxiliar de limpeza.....	46
Figura 15: Meio corporativo.....	47

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Livros publicados por Tino Freitas	32
--	----

LISTA DE SIGLAS

FNLIJ – Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1. PANORAMA DOS TEMAS RECORRENTES NA LITERATURA INFANTOJUVENIL	18
1.1 Literatura Infantojuvenil: Os temas mais comuns no início do livro para crianças	18
1.2 Origens da Literatura Infantojuvenil no Brasil	20
1.3 Os temas da Literatura Infantojuvenil até os anos 80.....	22
1.4 Novos temas contemporâneos da literatura para crianças e jovens	24
2. LITERATURA <i>CROSSOVER</i> E OS TEMAS FRATURANTES.....	26
2.1 O que é a Literatura <i>Crossover</i> ?	26
2.2 O que são os temas fraturantes?	29
2.3 Entre páginas e histórias: vida e obras literárias de Tino Freitas	32
3. TORNAR VISÍVEIS OS INVISÍVEIS	35
3.1 O menino e o seu superpoder	35
3.2 Vivendo à margem do olhar do outro.....	41
3.3 O Outro	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS.....	52

INTRODUÇÃO

Desde suas origens, a literatura infantojuvenil passou por transformações significativas até os dias atuais. O conceito de literatura infantil começou a se desenvolver por volta do século XVII, com a ascensão da burguesia, a visão sobre a infância modificou-se e com ela surgiu a necessidade de produzir uma literatura para este público.

Foi durante o reinado de Luís XIV, na França, que esse gênero passou a ganhar destaque, uma vez que, por meio das produções literárias, propagavam-se as histórias cuja temática focava na formação moral dos indivíduos, principalmente a partir das fábulas de Jean La Fontaine e dos contos de Charles Perrault. As *Fábulas* (1668), de La Fontaine, são lidas e trabalhadas até os tempos atuais, como “O lobo e o cordeiro” e “O leão e o rato”. Perrault, por sua vez, reuniu em sua primeira publicação, *Contos da mãe gansa* (1697), contos que na atualidade são de renomados na da literatura infantil e conhecidos por todas as crianças, como "Chapeuzinho Vermelho" e "A Bela Adormecida".

A literatura infantojuvenil se espalhou pela Europa acompanhando mudanças sociais e educacionais do século XVIII, assim como a modernização. As obras que possuíam um caráter mais racional, passaram a enfatizar a fantasia e a aventura, embora ainda dentro desse contexto moral. Diante disso, adaptações de obras clássicas, como *Dom Quixote de la Mancha* (1605), de Miguel de Cervantes, foram realizadas para atender o público mais jovem.

Dada a sua expansão pela Europa, em meados do século XIX, a literatura infantojuvenil chegou em terras brasileiras. A princípio se propagou por meio das traduções e adaptações de Carlos Jansen e Figueiredo Pimentel das obras infantis amplamente divulgadas no exterior. Mais adiante, no século XX, a literatura infantojuvenil brasileira passou por transformações profundas, refletindo mudanças sociais, políticas e culturais do nosso país.

No início, a literatura voltada para crianças e jovens era fortemente influenciada por modelos europeus. Entretanto, essa literatura começou a ganhar novas características, incorporando-se a ela temas e elementos da cultura brasileira. Nessa perspectiva, autores como Monteiro Lobato desempenharam um papel fundamental na introdução de elementos nacionais em suas obras, visto que ele promovia uma literatura que abordava a nossa realidade por meio de elementos culturais somado ao maravilhoso.

Com o advento da modernidade, um novo estilo de vida e comportamento impactaram a sociedade brasileira. Dessa maneira, o sistema literário voltado aos jovens leitores sentiu a necessidade de adequação e renovação de seu conteúdo. Sendo assim, em geral, o intuito das

temáticas deixa de ser moralizador e passa a levar o leitor a refletir acerca da realidade a que pertencem, sem, é claro, abrir mão da fantasia. Atualmente, há, portanto, uma infinidade de matérias e conteúdos disponíveis no segmento da infância e juventude. Entre eles, os temas fraturantes surgem como um elo entre os jovens leitores e os adultos, visto que assuntos como identidade de gênero, sexualidade, saúde mental e questões sociais complexas, como racismo e *bullying* passam a ganhar o seu espaço nas editoras.

Dentro desse contexto de transformação, autores como Tino Freitas desempenham um papel crucial. Com uma carreira marcada por uma produção literária diversificada e sensível, Freitas se destaca por sua capacidade de criar histórias que destacam a imaginação e a sensibilidade dos seus leitores. O autor também acrescenta elementos da cultura popular e das tradições brasileiras em suas obras, contribuindo para que os leitores se conectem com sua própria cultura e identidade. Além de abordar temas universais como amizade, criatividade e imaginação, ele também toca em questões mais complexas, temas fraturantes, como o medo, a perda e a diversidade.

Tendo em vista que a literatura infantojuvenil desempenha um papel fundamental na formação dos jovens leitores, que constantemente estão moldando suas percepções sobre o mundo e sobre as relações entre os indivíduos, e que o contexto social está cada vez mais diversificado, é essencial que as obras voltadas para o público infantojuvenil abordem questões de convivência e respeito ao Outro, contribuindo para que os leitores entendam e valorizem as particularidades de cada ser humano. A obra *Os Invisíveis*, de Tino Freitas, mostra-se como exemplo de como a literatura pode contribuir para a construção da convivência daqueles que estão “escondidos” na sociedade moderna e da importância que a vida deles representa diante do esquecimento deles nesse mesmo espaço.

Nessa perspectiva, nosso estudo tem o intuito de elucidar como a literatura infantojuvenil pode desempenhar um papel ativo na educação para a convivência com o Outro e na construção de indivíduos mais empáticos. Em complemento, o objetivo deste trabalho consiste em analisar a contribuição da obra infantojuvenil brasileira *Os invisíveis*, de Tino Freitas, para conduzir jovens leitores à construção da convivência com o Outro, da alteridade. A escolha da obra de Tino Freitas se dá pela sua relevância no cenário literário brasileiro e pela forma como a narrativa discute uma temática social e complexa.

A metodologia adotada será a pesquisa bibliográfica, que permitirá uma análise aprofundada das contribuições teóricas existentes sobre as temáticas sociais fraturantes e a literatura infantojuvenil. Dessa maneira, no primeiro capítulo traçaremos o percurso histórico da literatura infantojuvenil, bem como um panorama dos principais temas abordados. Para

embasar nosso conhecimento acerca dessa temática, apoiamo-nos nos estudos de Cademartori (2010), Coelho (1985), Colomer (2003), Duarte (2023), Lajolo e Zilberman (2007) e Luft (2010).

No segundo capítulo, adentraremos na literatura *crossover*, que foi amplamente discutida e aprofundada por Falconer (2004), Hanke (2018), Seixas (2023) e Duarte (2023). Ainda, abordaremos os temas fraturantes, que embora seja uma temática cuja utilização se dê recorrentemente na contemporaneidade, esteve presente em narrativas literárias infantojuvenis em outros momentos da história da literatura. Para fundamentar os temas fraturantes, autores como Lira (2021), Seixas (2023), Kirchoff e Souza (2019), Feres e Michelli (2022). Assim, finalizaremos o segundo capítulo com a apresentação da vida e obra do autor Tino Freitas, cuja obra analisaremos. A fim de nos aprofundarmos na biografia de Freitas, usamos informações concedidas pelo próprio autor em seu *site* (<https://www.tinofreitas.com.br/>), bem como os estudos de Santos (2022).

No terceiro e último capítulo, contaremos com a análise da obra *Os invisíveis* de Tino Freitas, na sua publicação de 2021, que conta com as ilustrações de Odilon Moraes. Nossa análise decorrerá da literatura *crossover* e dos temas fraturantes que esta obra aborda. Para fundamentá-la, também utilizaremos de autores como Balça (2010), que discorre acerca da alteridade em obras infantojuvenis, bem como Gili (2016) que versa sobre a invisibilidade social em obras ilustradas, além dos autores que já citamos acerca dos temas fraturantes.

1. PANORAMA DOS TEMAS RECORRENTES NA LITERATURA INFANTOJUVENIL

Neste capítulo, apresentaremos uma breve exposição das transformações que a literatura infantojuvenil obteve ao longo do tempo, abordando sua origem e desenvolvimento tanto na Europa, quanto no Brasil. A princípio, não tínhamos uma literatura com foco para as crianças devido ao conceito tardio de infância. Assim, destacamos o percurso que se deu para a concepção de uma literatura voltada para crianças e jovens. Além disso, foi realizado um panorama dos temas que a literatura infantojuvenil abordou ao longo dos séculos, uma vez que o contexto histórico, social e político teve grande influência na determinação dessas temáticas.

1.1 Literatura Infantojuvenil: Os temas mais comuns no início do livro para crianças

Pensamentos acerca de uma literatura voltada apenas para o público infantil se deu em meados do século XVII. Isto ocorreu, pois o conceito de infância por muito tempo foi inexistente, visto que esses pequenos seres, por volta do século XV, eram vistos como miniaturas de adultos, por isso trabalhavam desde cedo, vestiam-se como adultos e as meninas casavam-se no início de sua puberdade. Logo, não havia necessidade de se produzir uma literatura específica para este público, uma vez que eles consumiam a mesma literatura que os adultos, que por muito tempo foi de forma oral.

Com a ascensão da burguesia durante o século XVI, um novo conceito familiar passa a se instaurar na sociedade. Diante disso, um novo olhar se volta às crianças, que antes, vistas apenas como mais um ser para o trabalho, agora são vistas como pessoas que se devem cuidar e proteger, assim, ocupando um novo espaço na sociedade. Conforme Coelho (1985), foi durante o reinado de Luís XIV, na França, que se passou a ter uma preocupação acerca de obras voltadas para o público infantil e juvenil, considerando que o intuito era educá-los moralmente.

Dessa maneira, algumas obras foram criadas para atender essa nova demanda. Sendo assim, *As fábulas* (1668) de La Fontaine, *Contos da mãe gansa* (1697) de Charles Perrault, *Contos de fada* (1696) de Mme. D'Aulnoy e *As aventuras de Telêmaco* (1699) de Fénelon deram início a literatura infantil que conhecemos hoje em dia, tendo em vista que a partir delas, elementos como a fantasia e a imaginação passaram a ser destacadas nas histórias infantis.

Segundo Lajolo e Zilberman (2007), as primeiras histórias que compunham a literatura infantil, no final do século XVII, eram adaptações dos textos adultos para as crianças, como os *Contos da mãe gansa* de Perrault que adaptaram as histórias orais da época em forma de contos folclóricos para este novo público. No entanto, Cademartori (2010) ressalta que os contos folclóricos de Perrault passaram por duas fases, a primeira não endereçava esses contos ao público infantil, somente mais tarde eles sofreriam as adaptações pedagógicas necessárias. Coelho (1985) ainda aponta que Perrault se estabeleceu na literatura infantil a partir da sua terceira adaptação dos contos que tinham o intuito de resgatar os textos antigos tanto grecolatinos, quanto nacionais, para assim, formar as crianças moralmente.

Só após ter se consolidado nessa área, o autor publicou *Contos da mãe gansa*, em 1697, com cerca de oito histórias. Dentre elas, Coelho (1985) aponta “A bela adormecida no bosque”, “Chapeuzinho Vermelho”, “O barba Azul”, “O gato de botas”, “A gata borralheira ou Cinderela”, “Henrique, o topetudo” e “Pequeno polegar”, sendo acrescentados posteriormente, “A pele de Asno”, “Desejos ridículos” e “Grisélidis”. Essas histórias, amplamente conhecidas nos dias de hoje como “contos de fadas”, têm a presença de elementos do “maravilhoso” atrelado ao ensinamento que desejava-se passar para os leitores.

La Fontaine, por sua vez, atentou-se ao gênero das fábulas, tendo sido inspirado pelas fábulas de Esopo. Conforme aponta Coelho (1985), ele baseou os seus argumentos para a construção de seus poemas narrativos “nos gregos, latinos, franceses, medievais, parábolas bíblicas, contos populares, narrativas medievais e renascentistas” (Coelho, 1985, p. 61), uma vez que produziu mais de vinte e cinco obras, dentre elas, apólogos, parábolas, contos e as fábulas. Todas elas tinham a intenção de apresentar uma situação e concluí-la com ensinamento moral. Além disso, o autor usava de suas obras para denunciar as injustiças sociais que surgiam em sua época. Algumas de suas obras de maior destaque são “O lobo e o cordeiro”, “O leão e o rato”, “Pastor e o rei”, “A corte do leão”, que apontam algumas das injustiças sociais da época.

Segundo Coelho (1985), Fénelon, diante de suas habilidades espirituais e intelectuais, escreveu o *Tratado da educação das meninas*, em 1687, a partir de sua experiência ao direcionar as filhas da duquesa Beauvillier. Desse modo, ele se aprofundou em princípios educacionais e didáticos a fim de direcionar seus estudos. A partir disso, o autor escreveu a novela *As aventuras de Telêmaco*, voltada para o público infantil. De acordo com Coelho (1985), tratava-se de uma novela pedagógica, que por sua vez, tinha a intenção de educar e formar o caráter a partir da educação moral e política.

Essas obras que inauguraram a literatura infantojuvenil, espalharam-se por toda Europa juntamente com o entendimento do que viria ser criança, assim como a chegada do século

XVIII, as industrializações e o novo conceito de família que vigorava - instaurado pela burguesia no mundo que se modernizava. Segundo Lajolo e Zilberman (2007), foi com o sucesso dos contos de fadas de Perrault que adaptações em romances de aventura passaram a ser realizadas, e obras como *Viagens de Gulliver* (1726) de Jonathan Swift e *Robson Crusóé* (1719) de Daniel Defoe, ou seja, grandes clássicos da literatura, foram adaptados para o público infantojuvenil.

É importante ressaltar que mesmo com esse movimento de criar uma literatura específica para crianças, alguns autores discutem acerca dessa literatura restrita ao público infantil. Por isso, há pesquisadores que acreditam que exista apenas literatura, independentemente do público que a acessa. Dessa maneira, consideram que toda obra literária infantil pode ser lida por adultos. Conforme pontuamos acima, as crianças sempre tiveram acesso a obras que não correspondiam à sua faixa-etária, foi somente a partir da delimitação da literatura infantil que as leituras passaram por um crivo.

1.2 Origens da Literatura Infantojuvenil no Brasil

As origens da literatura infantojuvenil no Brasil, inicialmente, está relacionada a traduções e adaptações de obras estrangeiras. Lajolo e Zilberman (2007) afirmam que as primeiras publicações de obras para crianças ocorreram com a criação da Imprensa Régia em 1808 cujas obras foram as traduções de *As aventuras pasmosas do Barão de Munchhausen* e, em 1818, a coletânea de José Saturnino da Costa Pereira, *Leitura para meninos*, o qual continham “histórias morais relativas aos defeitos ordinários às idades tenras, e um diálogo sobre geografia, cronologia, história de Portugal e história natural” (Lajolo e Zilberman, 2007, p. 21). Após essas obras, só em 1848 veio ser publicada outra edição das *Aventuras do Barão de Munchhausen*. Essas publicações não poderiam ser consideradas como produção literária por não seguir um padrão regular de publicações, sendo estas ocorridas de maneira esporádica.

A partir de 1856, tinha-se em circulação as traduções de obras estrangeiras europeias bem sucedidas em vendas, como as obras de Cônego (Christoph) von Schmid: *O canário* em 1856, *A cestinha de flores* em 1858 e *Os ovos de Páscoa* em 1860 (Lajolo e Zilberman, 2007). Apenas em 1882, Carlos Jansen traduziu e adaptou a obra de *As mil e uma noites* para a linguagem infantil, esta foi a primeira publicação brasileira de literatura para esse público. Em 1885, ainda por Carlos Jansen, tivemos a adaptação de *Robinson Crusóé*, seguido de *Viagens de Gulliver* em 1888, *As aventuras do celeberrimo Barão de Munchhausen* em 1891 e *Contos para filhos e netos* em 1894.

Outro autor importante e que também deu sua contribuição a esse contexto inicial foi Figueiredo Pimentel, cuja primeira publicação foi a adaptação dos clássicos dos irmãos Grimms, Perrault e Andersen através dos *Contos da Carochinha* publicada em 1894, *Histórias da avozinha*, em 1896, e *Histórias da baratinha* em 1896 (Lajolo e Zilberman, 2007). Em 1901, Carlos Jansen publicou a adaptação de *Dom Quixote de la Mancha*.

Nesse primeiro contexto, as obras literárias tinham em seus escritos os fins educativos e pedagógicos e muitas traziam também questões sobre obrigações morais e cívicas, inflando o espírito de patriotismo. Duarte (2023) e Lajolo e Zilberman (2007) citam algumas obras que elucidam essa temática, como por exemplo, *Através do Brasil*, de Olavo Bilac e Manuel Bonfim, *Contos pátrios* de Olavo Bilac, *Contos infantis* de Júlia Lopes de Almeida e Adelina Lopes Vieira e *Histórias da nossa terra* de Júlia Lopes de Almeida.

Outro ponto importante destacado por Lajolo e Zilberman (2007), diz respeito a como desenvolvimento das cidades tiveram impacto no surgimento da literatura infantil, logo as pesquisadoras apontam que:

[...] em primeiro lugar, entre 1890 e 1920, com o desenvolvimento das cidades, o aumento da população urbana, o fortalecimento das classes sociais intermediárias entre aristocracia rural e alta burguesia de um lado, escravos e trabalhadores rurais de outro, entra em cena um público virtual. Este é favorável, em princípio, ao contato com livros e literatura, na medida em que o consumo desses bens espelha o padrão de escolarização e cultura com que esses novos segmentos sociais desejam apresentar-se frente a outros grupos, com os quais buscam ou a identificação (no caso da alta burguesia) ou a diferença (os núcleos humildes de onde provieram). (Lajolo e Zilberman, 2007, p.25).

Dessa forma, percebemos que entre 1890 e 1920, o crescimento urbano foi essencial para o surgimento da literatura infantil no Brasil, uma vez que foi apresentado um público que procurava por representatividade, isto é, que buscava se encontrar nos livros literários da época.

Nesse período, os autores tinham por grande influência a literatura estrangeira, conforme mostra Cademartori (2010, p. 32), “a influência da cultura portuguesa no Brasil não se restringiu à época colonial. Transcendeu o período de dominação política, expandindo-se concomitantemente à influência de outras culturas, como a francesa e a inglesa.” Logo, não tínhamos ainda uma literatura com uma linguagem própria brasileira, mostrando elementos que fazem parte da nossa cultura.

Segundo Cademartori (2010), Lobato tornou-se referência por muitos anos por ser considerado o primeiro autor brasileiro que construiu uma literatura infantil propriamente brasileira, com a sua primeira obra infantil, *Narizinho arrebitado* (1921). Conforme percebemos na afirmação de Cademartori (2010, p. 35) que “o revolucionário na obra de Lobato ganha maior

abrangência na literatura infantil que ele inaugura entre nós”. Dessa forma, o autor se torna o principal autor da literatura infantil no Brasil, publicando diversas obras de renome, como *O Pica pau Amarelo* (1939), *Reinações de Narizinho* (1931), *Saci* (1921), entre outras.

1.3 Os temas da Literatura Infantojuvenil até os anos 80

É a partir do século XIX que os temas voltados para a literatura infantojuvenil passam a se destacar. Os contos de fadas são reescritos pelos irmãos Grimms e histórias populares como “João e Maria” e “Rapunzel” adquirem uma nova versão. Conforme Cademartori (2010), as histórias como “O patinho feio” e “Os trajes do imperador”, de Christian Andersen, “Pinóquio”, de Collodi, “Alice no país das maravilhas”, de Lewis Carroll, “O mágico de Oz”, de Frank Baum, e “Peter Pan”, de James Barrie, formaram certos padrões na literatura infantil durante o século XIX. Nesse ínterim, percebemos que os contos de fadas vigoraram por muito tempo dentro das histórias que eram abordadas na literatura infantil e elas se davam por meio do universo dos contos maravilhosos, com elementos fantasiosos e mágicos.

No Brasil, traços da cultura portuguesa, inglesa e francesa fizeram-se presentes em várias obras literárias, como no romantismo indianista, cuja visão do indígena assemelhava-se aos heróis das histórias de cavalaria. Era de se esperar que as histórias infantis brasileiras também sofressem esse impacto. Isso também se deu devido ao fato das histórias infantis estrangeiras serem traduzidas e adaptadas para os brasileiros, como os contos maravilhosos, os clássicos das histórias de aventura, os clássicos infantis que inauguraram as histórias infantojuvenis no Brasil.

Com a chegada do século XX, as primeiras histórias brasileiras tinham como temática um teor nacionalista, visto que, a princípio, o intuito da literatura nessa época era pedagógico e patriótico. Segundo Lajolo e Zilberman (2007), essas obras sofreram inspirações das narrativas europeias que foram adaptadas para o contexto brasileiro, além da valorização da pátria e das paisagens brasileiras.

As autoras ainda ressaltam nas obras desse período as antologias folclóricas, as cantigas populares, as danças populares e provérbios populares que passaram a ser divulgados amplamente na literatura infantil com a intenção de serem trabalhadas na escola. Conforme as pesquisadoras, essas obras eram as “disponíveis para a leitura da infância brasileira, em particular daquela infância que, freqüentando escolas, preparava-se para ser o amanhã deste país que, como então já se dizia, era visto por suas elites como o país do futuro” (Lajolo e Zilberman, 2007, p.28).

Ainda na perspectiva de livros publicados para serem trabalhados na escola, as obras de Monteiro Lobato tiveram grande impacto na literatura nacional, de modo que extrapolou os muros escolares. Dos temas que o autor trabalhava, destacamos a valorização de uma cultura regionalista por meio das histórias situadas na zona rural, as críticas sobre a realidade do homem rural, além dos seres mitológicos do folclore brasileiro, como o Saci e a Cuca. Além disso, autores modernistas como Graciliano Ramos e José Lins do Rego também se dedicaram na escrita de obras para crianças e jovens, das quais, segundo Lajolo e Zilberman (2010), recorriam ao folclore e às histórias populares.

Segundo Luft (2010), entre as décadas de 20 e 40, das temáticas recorrentes nas obras destinadas ao público infantojuvenil, destacamos “o nacionalismo, o predomínio do espaço rural, a exploração da tradição popular em lendas e histórias e a inclinação educativa” (Luft, 2010, p.112). A pesquisadora aponta que entre as décadas de 40 e 60, o aumento da produção dos livros despertou um certo desinteresse em explorar novos temas. Diante disso, as temáticas rurais que exibiam o Brasil antigo e que ignoravam a vida urbana foram reforçadas nos textos literários.

Acerca dos anos 1960 e 70, Duarte (2023) faz alguns levantamentos, assim, a pesquisadora destaca que:

[...] a literatura infantil e juvenil brasileira começou a quebrar paradigmas, até então predominantes, com a adoção de temáticas urbanas, de representação realista, de temas tabus, de ruptura com o maniqueísmo e com o pedagogismo, enfim, toda uma sorte de aspectos aptos a representar o universo das crianças e dos jovens brasileiros e os conflitos que vivenciavam. Além disso, as narrativas buscavam denunciar as contradições sociais presentes, mas que eram até então omitidas nessa literatura. (Duarte, 2023, p. 29).

Ainda sobre essas décadas, Luft (2010) compreende que elas foram marcadas pela escrita para o público mais jovem, visto que até então, a literatura era mais voltada para o público infantil. Com a chegada dos anos 80, narrativas cujas temáticas destinavam-se a pobreza, a miséria, a injustiça, a marginalidade, o autoritarismo e o preconceito, e ao espaço urbano como lugar de predominância das histórias passaram a ser evidenciadas nas narrativas, visto que de acordo com a pesquisadora,

[...] a imagem exemplar da criança obediente e passiva é suplantada pela criança capaz de rebeldia e de ruptura com a normatização do mundo dos adultos. Enfraquece, assim, a velha prática de representar nos livros infantojuvenis apenas situações não problemáticas” (Luft, 2010, p.213).

A década de 80 é marcada por um crescimento no mercado jovem e pela popularização de gêneros como ficção científica e suspense. Histórias de fadas ganham um toque mais irreverente. Além disso, os autores misturam oralidade com novas formas de narrativa, usando técnicas como metalinguagem e referências a outros textos. Assim, a literatura infantojuvenil fala de forma realista sobre a história, ao mesmo tempo em que redescobre e reinventa o fantástico e o imaginário.

1.4 Novos temas contemporâneos da literatura para crianças e jovens

Em relação aos temas abordados na contemporaneidade, Luft (2010) destaca alguns pontos importantes. Primeiramente, o fato de que a indústria literária havia passado por uma mudança, como também a realidade do público a quem as obras eram destinadas. Dessa maneira, os temas passaram a refletir os problemas enfrentados pelos leitores, com intuito de levar eles a encará-los e não mais escondê-los.

Isso ocorre também pela necessidade de compreender a infância, a adolescência e a juventude em diversos sentidos. Conforme Colomer (2003), algumas temáticas como a introspecção psicológica, que se situa como sendo o tema mais importante para as histórias juvenis, outros temas de destaque para literatura contemporânea são as denúncias sociais, bem como uma ampliação da fantasia, ficção científica e mistério.

A pesquisadora ainda aponta alguns tipos de narrativas que predominam de acordo com a faixa etária dos leitores, dentre eles, dos 5 aos 10 anos evidenciam-se a literatura tradicional e a fantasia moderna. Já entre os 10 e os 12 anos, somada às anteriores, destaca-se também as narrativas interpessoais. Por fim, dos 15 aos 16 anos, atrelada às narrativas interpessoais, sobressaem-se também narrativas relacionadas ao amadurecimento, vivência em sociedade e aventuras.

Com o avanço tecnológico, a forma de se produzir literatura para crianças e jovens também foi evoluindo, e temas que antes eram considerados mais conservadores e não apropriados para eles passaram a ser pautados com mais abertura, tendo em vista que os leitores começaram a se identificar com os personagens, com o espaço ambientado, com as situações descritas nas histórias, por isso que Duarte (2023) elucida que:

[...] as mudanças ocorridas na literatura juvenil, decorrentes de transformações das práticas sociais, sobretudo na forma de conceber a infância e a juventude, acarretaram a presença de um narrador emissário da inquieta voz dos jovens, provocando o debate de temáticas antes ocultadas, em razão de serem consideradas, por muito tempo, inapropriadas para essas faixas etárias, como: sexualidade, violência, separação,

drogas, entre outros assuntos, hoje nomeados temas fraturantes, sensíveis ou difíceis (Duarte, 2023, p.34)

Ou seja, um novo espaço é cedido para narrativas que eram consideradas complexas para estes leitores, obviamente, adequando-se a faixa etária deles, visto que a diferenciação da literatura juvenil para adulta se dá pelo teor mais aprofundado. No entanto, muitos temas hoje usados nas literaturas infantis e juvenis, tocam também, intrinsecamente, o leitor adulto.

2. LITERATURA *CROSSOVER* E OS TEMAS FRATURANTES

Neste capítulo, estudamos a trajetória da Literatura *Crossover*, tendo em vista sua recorrência, bem como seu desenvolvimento ao longo dos anos a partir dos estudos iniciais de Rachel Falconer (2004). Também abordamos os temas sensíveis presentes na literatura infantojuvenil que ganharam bastante destaque na contemporaneidade. Por fim, realizamos um levantamento acerca da vida e obras do autor Tino Freitas, a fim de que contextualizarmos o autor da obra que analisaremos no próximo capítulo. Em relação às informações acerca de Freitas, utilizamos os dados informados no *site* criado pelo próprio autor (<https://www.tinofreitas.com.br/>).

2.1 O que é a Literatura *Crossover*?

Como já foi visto no Capítulo I, na história da literatura não existia uma divisão por faixa etária, visto que a literatura era destinada aos adultos e mais tarde que as obras começaram a ser adaptadas ao público infantil. No novo modelo de literatura, que vem crescendo e tomando espaço no mundo, observamos um panorama diferente, agora sem adaptações, mas com o próprio público decidindo o que consumir, conforme afirma Beckett “os livros encontram seu próprio público” (Beckett 2009, p. 2 *apud* Duarte, 2023, p. 50). É nessa perspectiva que surge a literatura *crossover*.

O termo *crossover* foi consolidado a partir da obra de Rachel Falconer em seu livro *The Crossover Novel: Contemporary Children's Fiction and Its Adult Readership* (2008)¹ e da obra de Sandra Beckett em seu livro *Crossover fiction: global and historical perspectives* (2009)². No entanto, ambas autoras já desenvolviam os estudos acerca dessa temática desde o início dos anos 2000, quando o termo passou a ser recorrentemente utilizado para retratar determinados tipos de textos literários. Essa temática trata dos livros que ultrapassam a barreira da faixa etária. De acordo com Seixas (2023), embora este tipo de literatura tenha sido reconhecido nos anos 2000, ele pode ser encontrado em textos mais antigos, tanto que a pesquisadora afirma:

[...] Alguns estudiosos consideram que a obra inglesa *As aventuras de Alice no país das Maravilhas*, de Lewis Carroll, seja um dos primeiros marcos da literatura

¹ O romance *crossover*: ficção infantil contemporânea e leitores adultos (tradução nossa).

² Ficção *crossover*: perspectivas globais e históricas (tradução nossa).

crossover. Muitos autores de literatura infantil declararam ao longo dos séculos que escreviam histórias para todas as idades, não somente para crianças. (Seixas, 2003, p. 28).

Conforme Falconer (2004), as três primeiras edições de *As aventuras de Alice no país das maravilhas* (1985) de Lewis Carroll surgiram com o intuito de alcançar o público infantil de diferentes idades, mas teve grande relevância para o público adulto. Esse fato é perceptível, visto que os atuais filmes sobre a história de Alice seguem uma perspectiva mais adulta, como podemos notar em *Alice no país das maravilhas* (2010) e *Alice através do espelho* (2016), ambos dirigidos por Tim Burton. A narrativa do filme baseia-se em uma personagem adulta que, quando criança, visitou um lugar mágico, entretanto, não se lembrava mais do que havia vivido no País das Maravilhas, até retornar e viver novas aventuras. O filme em si já não possui imagens e história com foco no público infantil.

Outras obras cinematográficas ganharam destaque nos anos 2000 por realizar o cruzamento entre os gêneros adulto e infantil, a pesquisadora Falconer cita *Harry Potter*, *Senhor dos Anéis*, *Crônicas de Nárnia* e *Shrek*. Ainda segundo a autora, foi por meio do grande sucesso dos livros de *Harry Potter*, a diferentes públicos, que os estudos acerca da literatura *crossover* ganharam notoriedade, isso ocorre visto que “apesar de ser considerada uma série literária voltada para a infância, diversos adultos entraram em contato com os livros e passaram a consumi-los tanto quanto as crianças” (Seixas, 2023, p.27). No entanto, foi apenas em 2001 que o texto *crossover* tornou-se uma arte séria, com reconhecimento crítico e aclamação do público.

É importante ressaltar que, embora *Harry Potter* seja considerando o marco inicial dos estudos da literatura *crossover*, esse tipo de texto literário é consumido há muito tempo, visto que ao longo da história, antes da literatura infantojuvenil, sequer existia obras destinadas a estes leitores, de modo que eles consumiam os mesmos textos que os adultos. Nessa perspectiva, Seixas (2023) ressalta que:

[...] Desde o sucesso extraordinário de Harry Potter, jornalistas, pesquisadores e críticos vêm utilizando o termo “literatura *crossover*” majoritariamente para falar a respeito de obras infantis lidas por adultos como se esse fosse o único caminho. Entretanto, a literatura tida como “adulta” vem sendo consumida por jovens há muito tempo. Mesmo contendo um vocabulário não muito acessível ou até mesmo temáticas complexas, a literatura adulta sempre fez parte do universo das crianças. (Seixas, 2023, p. 28).

O fenômeno *crossover* sempre foi uma realidade para os pequenos leitores, não apenas nos séculos passados, como também na atualidade, visto que podemos encontrar dentro da

literatura obras clássicas que foram adaptadas para os jovens e crianças, como *A Odisseia* e a *Ilíada* de Homero, bem como *Sonhos de uma Noite de Verão* de William Shakespeare que foi adaptado por Maurício de Souza nos quadrinhos da *Turma da Mônica Jovem* e por Ana Maria Machado, que desenvolveu um trabalho voltado para democratização dos clássicos para as crianças e jovens.

Em relação ao termo *crossover*, a pesquisadora Falconer (2004) explica que possui variados significados de acordo com a linha a qual se endereça, desse modo, a autora destaca que:

[...] Em estudos pós-coloniais, por exemplo, *crossover* é o termo crítico para textos que cruzam culturas ou (como *The Ground Below Her Feet* de Rushdie) representam tais mudanças culturais na narrativa. Em estudos de gênero, *crossover* é usado para significar mudanças na perspectiva de gênero (como em *The Passion of New Eve* de Carter). Na crítica de literatura infantil, no entanto, *crossover* é geralmente usado para se referir a um cruzamento entre limites de idade, os limites (por exemplo, criança pequena, nove a quatorze anos, jovem adulto, adulto) sendo eles próprios sujeitos a constante redefinição. Mesmo neste campo, '*crossover*' pode se referir a diferentes aspectos do ato de comunicação narrativa: a relação entre autores e textos, os atributos internos dos textos, ou a relação entre textos e leitores, por exemplo. Surpreendentemente, foi escrito mais sobre escrita cruzada e endereçamento duplo (com foco em autores e narradores) do que sobre textos ou leitura cruzada. (Falconer, 2004, p. 557-558, tradução nossa)³.

A literatura *crossover* ultrapassa os limites das idades, devido a sua atemporalidade, ela tem alcance maior para diferentes públicos. De acordo com Falconer (2004), “a escrita cruzada inclui autores que escrevem às vezes para crianças e às vezes para adultos, assim como escritores (ou, intra-textualmente, narradores) que se dirigem a mais de uma faixa etária de leitor/espectador no mesmo texto” (Falconer, 2004, p. 558, tradução nossa)⁴.

Segundo Falconer (*apud* Duarte, 2023), aponta a existência de alguns gêneros que ganham destaque na literatura *crossover*, dentre eles, a pesquisadora destaca “a fantasia mágica, a fantasia épica, a ficção científica, o gótico, lendas históricas e, ainda, aponta que a maioria

³ (...) In postcolonial studies, for example, *crossover* is the critical term for texts that cross cultures or (like Rushdie's *The Ground beneath Her Feet*) represent such cultural shifts in the narrative. In gender studies, *crossover* is used to signify shifts in gender perspective (as in Carter's *The Passion of New Eve*). In children's literature criticism, however, *crossover* is generally meant to refer to a crossing between age boundaries, the boundaries (for example, young child, nine to fourteen, young adult, adult) themselves being subject to constant redefinition. Even in this field, '*crossover*' can refer to different aspects of the narrative communication act: the relation between authors and texts, the internal attributes of texts, 558 Rachel Falconer or the relation between texts and readers, for example. Surprisingly, more has been written about cross-writing and dual address (with a focus on authors and narrators) than about texts or *crossover* reading. (Falconer, p. 557-558).

⁴ (...) Cross-writing includes authors who write sometimes for children and sometimes for adults, as well as writers (or intra-textually, narrators) who address more than one age of reader/viewer in the same text. (Falconer, 2004, p. 558)

das narrativas empregam o mito, os contos de fadas ou as lendas tradicionais, entre outros”. Entretanto, o gênero que mais realiza esse cruzamento de faixa etária nos países ocidentais destacado por Falconer é a fantasia.

No tocante ao mercado editorial, os textos *crossover* são de grande relevância, tendo em vista que ele investe nesse tipo de obra com o intuito de vender mais, já que obterão um maior alcance em diferentes públicos. Hanke (2018), em consonância com Beckett, afirma que:

[...] Os editores têm se envolvido claramente e, nos últimos tempos, de maneira maciça, no processo *crossover*, eles são os responsáveis por inúmeros textos que cruzaram as fronteiras; por vezes, são eles que catalogam um livro como literatura infantil e juvenil a fim de lucrar em cima de seus autores mais renomados (BECKETT, 2009, p.38). Uma das ações do mercado para cooperar com a transmigração é sua publicação em formato de livro ilustrado, ou, como já mencionado anteriormente, excertos, parágrafos e até mesmo capítulos inteiros são removidos dos livros adultos para publicá-los para a audiência jovem. (Hanke, 2018, p. 44).

Conforme Hanke (2018), não somente as editoras, como também as escolas são o meio que mais se promove o *crossover* de textos adultos para jovens e crianças, visto que é a partir das leituras propostas por elas que os alunos têm acesso a essas leituras, seja na divulgação de adaptações dos clássicos adultos, ou no ensino médio com as leituras das escolas literárias. Dessa maneira, compreendemos que a literatura *crossover* ocorre em via de mão dupla, uma vez que, embora esse fenômeno tenha ganhado maior alcance nos livros infantis e juvenis por leitores adultos, percebemos que as crianças e jovens são, como no passado, incentivados à leitura de obras adultas clássicas, mas que hoje são adaptadas com ilustrações para atender também o público infantojuvenil.

2.2 O que são os temas fraturantes?

Os temas fraturantes abordam assuntos complexos e difíceis de se debater, os quais a sociedade tem dificuldade de aceitar e que geram desconforto em quem os consome. De acordo com Lira (2021, p. 14), “quando se fala em temas fraturantes na infância, pensamos em uma situação delicada, pois são momentos que envolvem, em sua maioria, sentimentos de medo, raiva ou angústia”. Embora seja um tema considerado contemporâneo, na história da literatura infantil, alguns autores já vinham desenvolvendo textos para abordar temas difíceis, bem como Seixas (2023) cita *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas* (1865) de Carroll:

As Aventuras de Alice no País das Maravilhas (1865) é o exemplo mais canônico e nítido do uso da ficção fantasiosa para abordar temáticas fraturantes. Quando Alice embarca em sua jornada, ela não precisa lidar apenas com o fato de estar perdida em

um local desconhecido, mas também precisa reencontrar a si mesma. Alice relata na obra de Carroll que não sabe mais quem é, pois mudou tantas vezes ao longo do dia que não se reconhece mais. A personagem está comentando sobre suas mudanças físicas, que bebeu algo que a fez encolher e comeu um bolo que a fez crescer. Entretanto, essa cena pode ser analisada por outro viés de interpretação. Alice que é uma pequena menina a caminho de se tornar uma jovem mulher. As mudanças experienciadas pela protagonista podem ser uma referência a puberdade. Ou, pelo ponto de vista psicológico, essas transformações podem revelar como o seu olhar para com o mundo e ela mesma estão sofrendo mudanças drásticas. (Seixas, 2023, p.79).

Devemos lembrar que os textos consumidos por crianças e jovens foram textos escritos por adultos. Adultos que lançam um olhar atento a temas possíveis a serem trabalhados com crianças, que se recordam que elas são capazes de ter maturidade suficiente para os compreender. Aliás, não é porque são jovens que não se deparam com assuntos complexos, ocorre que eles precisam de alguém para ajudá-los a lidar melhor com situações mais difíceis.

Livros para crianças e jovens não são livros escritos por crianças e jovens, o que significa que são produzidos por adultos com o intuito de serem consumidos por leitores infantojuvenis, embora, em geral, também precisem passar pelo crivo de adultos que desempenham o papel de mediadores, como pais e educadores. Nesse sentido, é inevitável que esses livros reflitam as visões de mundo dos autores adultos, especialmente suas visões sobre as possibilidades e os limites do que faz parte da linguagem artística e literária, de um lado, e sobre o que é ou o que deveria ser uma criança e um jovem, de outro. (Kirchof; Souza, 2019, p. 28).

É nesse sentido que percebemos a necessidade de obras que desempenham o papel de mediar o diálogo entre adultos e crianças acerca de temas difíceis, uma vez que é uma realidade pertinente na vida dos seres humanos. Constantemente nos deparamos com situações complexas, bem como a morte, o luto, o suicídio, o *bullying*, o preconceito, a indiferença social, o abuso, a prostituição, a sexualidade, a ansiedade, a depressão entre outros assuntos que requerem certa sensibilidade e cuidado para serem tratados. De acordo com Seixas (2023), podemos compreender as temáticas fraturantes da seguinte maneira:

Como o próprio nome sugere, temáticas fraturantes são aquelas que rompem algo, que estão quebradas, partidas, e, portanto, precisam de algum reparo. Essas são questões que precisam de um olhar mais atento para serem destrinchadas devido ao seu peso e a sua complexidade, mas, muitas vezes, são simplesmente ignoradas no dia a dia, sendo retomadas nas obras literárias como forma de afirmação da sua importância. (Seixas, 2023, p. 81).

No que diz respeito aos textos infantis, Lira (2021) ressalta que “esses temas estão cada vez mais inseridos dentro de obras infantis, para que as discussões possam ser feitas enquanto fator para compreender a própria realidade” (Lira, 2021, p. 14). Devemos lembrar que a literatura sempre esteve presente como mediadora, a fim de nos fazer enxergar o mundo à

nossa volta, uma vez que permite que o leitor se reconheça por meio dela. Nessa perspectiva, é comum que os escritores usem o mundo real, a fim de criar suas narrativas. Por isso, a literatura reflete também as problemáticas enfrentadas pela sociedade, no intuito de nos fazer refletir sobre tais realidades.

Assim como *As aventuras de Alice no país das maravilhas* (1865), Seixas cita também outros clássicos da literatura infantil que tocam em temáticas difíceis, como *Peter Pan e Wendy* (1904) que junto a outras crianças, encontram-se na Terra do Nunca após terem perdido seus familiares. Segundo a pesquisadora, “os Meninos Perdidos são, nada mais nada menos, do que os muitos órfãos ingleses que perderam seus pais ou foram abandonados e viviam em orfanatos ou fábricas, trabalhando de forma insalubre e muitas vezes passando fome” (Seixas, 2023, p. 80).

Na obra *As viagens de Gulliver* (1726), o escritor Jonathan Swift explora questões como a desigualdade social ao retratar o reino de Laputa e sua metrópole, Lagado. Enquanto em Laputa há investimentos em pesquisas extremamente complexas e que não saem do papel em relação à moradia, à alimentação e à agricultura do reino, o povo de Lagado vive na miséria e, caso se revolte, é castigado com mais fome. Dessa maneira, percebemos que em uma obra que é tão disseminada para o público infantojuvenil, conforme já pontuamos no capítulo anterior, há uma abordagem aberta ao descaso dos representantes em relação ao seu povo.

Na literatura brasileira, o conto *Fita verde no cabelo* (1864), de João Guimarães Rosa, é um exemplo de texto que aborda temas fraturantes. A história é uma releitura de “Chapeuzinho vermelho”, da qual a fita verde substitui o gorro da protagonista. A menina vai feliz ao encontro de sua tão amada avó com sua fita no cabelo, contudo, ao encontrá-la, depara-se com a partida de sua avó. Ao elucidar o medo do lobo, isto é, o medo da morte e a perda da sua fita verde, ou seja, de sua esperança, Rosa retrata que a partir desse momento a menina abriria seus olhos para outras realidades da vida.

Em *A terra dos meninos pelados* (1937), de Graciliano Ramos, percebemos a presença do *bullying* como tema complexo retratado na obra. Raimundo, diante da violência sofrida, foge para uma terra chamada Tatipirun, onde encontra pessoas que são semelhantes a ele. A partir dessa aventura, o menino não só aprende a se aceitar, como também compreende como conviver com as diferenças.

Na contemporaneidade, temos a autora brasileira Lygia Bojunga, que através de suas produções literárias, percebemos tantas obras cujo temas sensíveis são abordados, como por exemplo, em *Meu amigo pintor* (1987), a autora nos apresenta a percepção de Cláudio, diante do suicídio de seu amigo, a quem ele tanto admirava. Na atualidade, um dos autores brasileiros

que têm se destacado na produção de obras literárias com temas sensíveis e fraturantes é Tino Freitas. Em sua obra, *Leila* (2019), o autor retrata o abuso sexual sofrido por uma baleia jubarte através do seu vizinho Barão.

Ao analisar esta obra, Feres e Michelli (2022) destacam a importância de retratar essa temática em uma narrativa ficcional verbo-visual, visto que “aproxima o leitor da discussão, ao mesmo tempo em que o mantém a uma “distância segura” para se conscientizar do problema e se sensibilizar do sofrimento causado por esse ato de violência contra inocentes (Feres e Michelli, 2022, p.277). Assim como em *Leila* (2019), Freitas aborda em *Os invisíveis* (2021) uma temática sensível que toca não somente o leitor infantil e juvenil, como também os leitores adultos. Conheceremos um pouco mais sobre o autor e sua obra no tópico seguinte.

2.3 Entre páginas e histórias: vida e obras literárias de Tino Freitas

Tino Freitas é um escritor brasileiro especializado em literatura infantil, além de também ser músico, jornalista, contador de histórias e mediador de leitura, conforme os dados disponíveis em seu *site*⁵. Segundo Santos (2022), o escritor nasceu em Fortaleza no ano de 1972, mas atualmente reside em Brasília.

No que diz respeito ao início de sua carreira, Freitas (2021) afirma que quando decidiu contar suas histórias em livros, percebeu que seria escritor e, desde então, suas obras caracterizam-se pelo humor e pelo experimento com suporte (papel/folha/objeto livro) como importante elemento condutor da narrativa.

Freitas entrou em contato com a literatura quando tinha 6 anos de idade através de uma banca de revista, visto que na cidade em que morava, no interior da Bahia, não havia livrarias nem bibliotecas. Desse modo, ele teve acesso a histórias em quadrinhos, como o *Almanaque do Tio Patinhas* (1963), *O Pato Donald* (1950), *Turma da Mônica* (1970), e gibis de heróis. Já adulto, decidiu então ser escritor em 2008, após trabalho voluntário no “Projeto Roedores de Livros” (Ceilândia - DF).

Tino Freitas conta com acervo de 49 livros publicados no Brasil, e mais 3 livros publicados no exterior (Portugal, Argentina e Taiwan). O escritor possui 26 parceiros de ilustrações, dentre eles o ilustrador Odilon Moraes, responsável pela ilustração na obra *Os Invisíveis* (2021), a qual analisaremos no próximo capítulo. Freitas também disponibiliza o curso “Literatura infantil: o livro, o mercado e o escritor”, como também o curso “Era uma

⁵ Cf. <http://www.tinofreitas.com.br>

vez... a história dos contos de fadas”. Em relação às oficinas, o autor realiza quatro, que correspondem às seguintes: A mediação da leitura como instrumento de formação do leitor na comunidade, Quando o livro conta a história, O que é possível abordar na literatura infantil? Por fim, “Palavra também é brinquedo”. Além disso, em seu *site* é possível encontrar palestras que o autor realiza como “Caminhos da literatura infantil: percursos do autor Tino Freitas” e “A mediação de leitura como instrumento de formação do leitor na família”.

No que diz respeito às obras de Tino Freitas, podemos observar na tabela realizada por Santos (2022) abaixo, as publicações referentes ao período de 2010 a 2021.

Tabela 1 - Livros publicados por Tino Freitas

	Título	Ano	Tema
1	Controle Remoto	2010	criança; família
2	Os três porquinhos de porcelana	2011	releitura de Os Três Porquinhos
3	Quem quer brincar comigo?	2011	imaginação; livro-brinquedo
4	Primeira palavra	2012	criança
5	Numa tarde quente de verão	2012	criança; livro-brinquedo
6	Bichano	2012	criança; livro-brinquedo
7	O livro das bolhas de sabão	2012	criança; livro-brinquedo
8	As crianças vão ficar doidas!	2012	criança; faz de conta
9	Brasília de A a Z	2012	história de Brasília
10	Os invisíveis	2013	invisibilidade social
11	Demais	2013	criança; família
12	Kurikalá e as torres de pedra	2014	natureza
13	Aula de samba	2014	história do Brasil
14	O menino que falava pouco	2014	criança; família
15	Faz de conta	2016	faz de conta
16	A casa na árvore	2016	natureza
17	Um abraço passo a passo	2016	criança; infância
18	Com que roupa irei para a festa do rei	2017	releitura de A Roupas Nova do Rei
19	Cadê o juízo do menino?	2018	criança
20	A tromba	2019	livro-brinquedo
21	Leila	2019	abuso sexual; emoções
22	Vermelho, lá vai, violeta	2019	criança; amizade
23	Uniforme	2019	necessidade de ser aceito
24	Tapete vermelho	2019	história da cor
25	Virando a página	2020	contos
26	Peixerinho	2020	amizade
27	Os Invisíveis	2021	invisibilidade social

Fonte: Santos, 2022

De 2021 até 2023, o autor publicou 22 obras⁶, sendo elas *Antes de ir para a história* (2021), *Aparecido* (2021), *Arisca* (2021), *De quem é esta coroa* (2021), *Fortificações do Rio de Janeiro - um tesouro de histórias* (2021), *Manifestações culturais do Brasil* (2021), *O que é preciso para ser rei?* (2022), *Quando o bebê diz “mã mã”* (2022), *Havia um menino com um buraco no dente* (2022), *Cambitos* (2023), *Contos de fraldas* (2022), *Pra que essa boca tão grande?* (2022), *Cinco girafas desalinhadas* (2022), *Não sei desenhar camelos* (2023), *Chapeuzinho vermelho* (2023), *Os três porquinhos* (2023), *O patinho feio* (2023), *Vovolidô e o sumiço das rosquinhas* (2023), *Mamãe coragem!* (2023), *Portas* (2023), *Gabi de bigode* (2023), *Se os monstros falassem* (2023). Dentre as obras publicadas por Freitas, em 2023 ele publicou “recontos”, isto é, releituras de obras clássicas infantis.

Em relação ao reconhecimento das obras de Freitas, podemos evidenciar os prêmios nacionais, como o Prêmio Jabuti, e também o Selo Altamente Recomendável para crianças da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - FNLIJ. Além disso, ele já atravessou as fronteiras do país com as obras *Com que roupa irei para a festa do Rei?* (2017) e *Quem quer brincar comigo?* (2011). Sendo essas obras lidas em países como Argentina e Portugal, conforme aborda no *site* do próprio autor. De acordo como o autor gosta de expressar em seus livros Santos (2022) afirma que:

[...]o escritor fala do desafio de escrever livros que não transmitam uma mensagem apenas através das palavras, mas sim que consigam passar suas ideias e pensamentos por meio das entrelinhas. Algumas coisas não precisam ser explícitas em palavras, mas o contexto entre palavras e ilustrações deve mostrar outras possibilidades de interpretação em uma história. Cada leitor interpreta uma história de acordo com sua bagagem de vida, de acordo com suas vivências (Santos, 2022, p. 26).

É importante ressaltar que a crítica social também é uma característica marcante presente em seu trabalho. De acordo com o *site* do autor, alguns temas sensíveis podem ser encontrados nas obras dele, como a invisibilidade social, a formação de identidade, o abuso sexual na infância, entre tantos outros. Estes temas, embora sejam críticas sociais, podemos observar que pelo fato de seu público ser o infantil, ele faz adequações na escrita, entretanto, tanto um adulto, jovem ou criança pode encontrar diferentes percepções ao lerem as obras.

⁶ Cf. <https://www.tinofreitas.com.br/sobre>

3. TORNAR VISÍVEIS OS INVISÍVEIS

Neste capítulo, analisaremos a obra *Os Invisíveis* (2021), de Tino Freitas, ilustrada por Odilon Moraes, que, embora indicado para crianças, oferece reflexões profundas que repercutem também nos adultos. A narrativa centra-se em um menino que possui o superpoder de ver seres invisíveis. No decorrer da narrativa, o leitor percebe que os personagens adultos sofrem de uma cegueira social que surge com a maturidade. Além disso, o capítulo irá explorar como a tecnologia e a rotina acelerada contribuem para a invisibilidade das pessoas. Além de como uma literatura pode servir tanto para adultos, quanto para crianças, bem como os temas fraturantes que ela aborda.

3.1 O menino e o seu superpoder

O livro *Os invisíveis* (2021) foi escrito por Tino Freitas em coautoria com o ilustrador Odilon Moraes. A primeira publicação ocorreu em 2013 pela editora Casa da Palavra, e atualmente foi republicada pela Companhia das Letrinhas no ano de 2021. Em sua primeira versão, essa obra contou com as ilustrações de Renato Moriconi. A indicação de leitura dessa obra é a partir dos seis anos de idade, entretanto, assim como as demais obras desse autor, não devemos pensar no livro apenas pertencente ao público infantil, mas sim, como um livro que pode impactar e trazer reflexões à criança (que lê ou ouve) ou ao adulto (que lê para a criança), isto é, que transcende e contempla diferentes faixas etárias.

É importante ressaltar que, nesta obra, a linguagem visual é extremamente relevante para que haja compreensão em sua leitura, uma vez que o texto literário e as ilustrações são inseparáveis. Para ser compreendido, é necessário que as imagens ilustradas contextualizem o enredo, bem como ocorre muitas vezes em histórias em quadrinhos. Portanto, o trabalho dos ilustradores Renato Moriconi e Odilon Moraes na obra de Freitas (2013-2021), trata-se de uma parceria de coautoria.

A etimologia da palavra invisível provém do latim *invisibilis* e significa “o que não pode ser visto”. Nesta obra, isso não ocorre porque é impossível ver as pessoas que são invisíveis, contudo, este fenômeno se dá devido as pessoas possuírem certo desinteresse em vê-las, de modo que elas não são, mas se tornam invisíveis perante a sociedade que as invisibilizam.

Figura 1 - Primeira edição do livro *Os invisíveis* (2013)



Fonte: tinofreitas.com.br

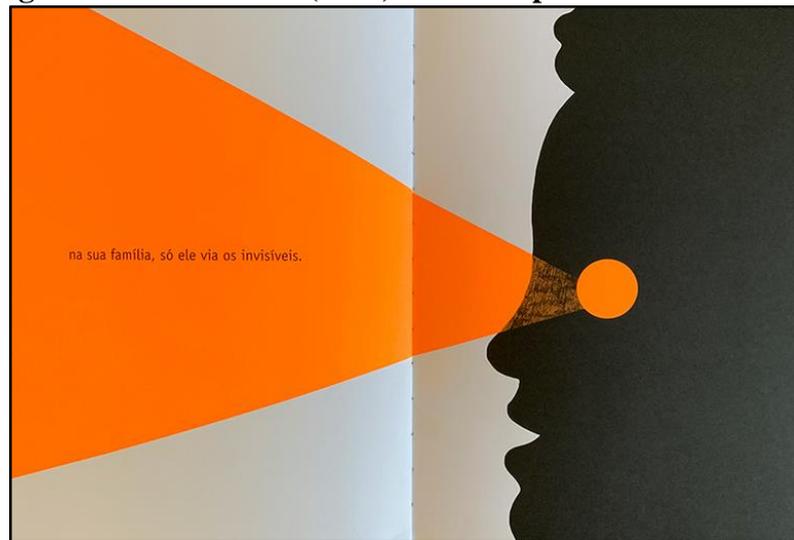
Conforme podemos observar por meio da ilustração na figura 1, o título da obra “Os invisíveis” apresenta-se na primeira versão por meio de uma divisão, cuja sílaba “in” encontra-se fora raio laranja e o restante da palavra “visíveis”, evidencia-se dentro do campo de visão de um menino. Nesse sentido, compreendemos que a visão dessa criança lança luz diante desses seres que são descritos na obra. Outro ponto a se ressaltar é que o artigo definido “os”, encontra-se menor em proporção no tamanho da fonte do que o substantivo “invisíveis”, deixando que o substantivo se sobressaia, a fim de evidenciar de quem a obra se trata.

Além disso, o menino possui uma visão semelhante à dos super-heróis, visto que assemelha-se com a visão de raio-X dos personagens como o *Superman*, que vê através dos objetos sólidos como se eles fossem transparentes. Ocorre que o menino não precisa ver através de objetos, visto que os seres, que estão invisíveis ao olho humano, encontram-se à sua frente.

A narrativa deste livro gira em torno de um menino que tinha um superpoder: ele via os invisíveis. Conforme Freitas (2021, não paginado)⁷ “Era assim ao sair de casa, com seu pai pela manhã, sempre que sua mãe o deixava em frente à escola, nas vezes em que passeava no centro com seu avô, ou quando sua avó o convidava para comprar guloseimas”. Ele via os invisíveis quando saía de casa com seus familiares adultos, que não tinham o mesmo poder que ele. Aliás, em sua família só o menino os via, e os via em vários lugares.

⁷ A obra *Os invisíveis* não possui paginação, compreendemos que esse fato se dê devido ao foco pretendido pelo autor para a narrativa e as ilustrações.

Figura 2 - *Os invisíveis* (2013) ilustrado por Renato Moriconi



Fonte:tinofreitas.com.br

Nesta versão, a visão do menino se apresenta como um farol e só ela coloria o livro, quando ele perde os superpoderes, ao tornar-se adulto, o tom vibrante de laranja desaparece. De acordo com Santos (2022, p. 40), “essa cegueira pode ser notada a partir do momento em que as ilustrações param de ter o destaque pelo campo de visão do menino, quando o texto aponta que “o tempo passou...”, e as ilustrações perdem os destaques alaranjados”.

É importante ressaltar que o uso da cor laranja pode apresentar diversos sentidos, uma vez que, no trânsito, esta cor anuncia um estado de alerta quando ela surge no semáforo. De acordo com a psicologia das cores, o laranja também apresenta-se simbolicamente como uma cor que transmite alegria, entusiasmo, vitalidade e vibração. Nesse sentido, podemos associar que essa cor na obra para evidenciar a visão do menino pode estar correlacionada com o sentido de alerta, para os leitores, como também a vitalidade que a cor expressa da vida dos invisíveis.

Figura 3 - Descolorir



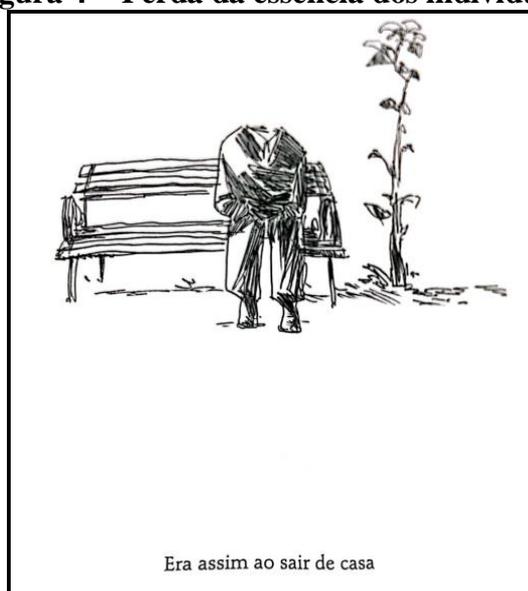
Fonte: Santos (2022)

O descolorir das imagens pode ser atribuído à perda da inocência do menino, visto que, ao se tornar adulto, ele deixa de ver aqueles que viviam à margem da sociedade, assim como seus parentes adultos. Desse modo, o desbotar na visão do menino denota a perda da vitalidade que pulsa na vida dos invisíveis. Quanto mais o menino cresce, mais sua inocência se esvai, mais seu olhar torna-se desatento e indiferente. Os invisíveis ainda permanecem no mesmo lugar que antes, mas o homem adulto, que o menino se tornou, não é mais capaz de vê-los.

Dessa maneira, percebemos que não é sobre seres imaginários a quem os invisíveis correspondem, mas sim a seres humanos que não são vistos pela sociedade e que estão à sua margem. O garoto, com toda sua pureza e inocência, é capaz de vê-los, mas vai perdendo seus poderes à medida que cresce. Nessa perspectiva, percebemos que a cegueira do menino não se trata de uma patologia biológica, mas sim, uma cegueira social, bem como a cegueira dos adultos acerca das pessoas invisíveis.

A obra publicada posteriormente, em 2021, é ilustrada por Odilon Moraes. Observamos que o ilustrador, para representar a invisibilidade das pessoas, representa-as com as cabeças mutiladas, apenas seus corpos existem. Desse modo, percebemos que essa forma escolhida por Moraes para retratar a invisibilidade dessas pessoas seja mais violenta do que a utilizada por Moriconi. Ainda, podemos associar a falta de seus rostos atrelados à perda de suas identidades, visto que a face do ser humano revela características únicas dele, sua essência, de onde veio, o quanto já viveu, onde pertence. Através do rosto percebemos as emoções, como nos sentimos frente às pessoas e as situações que nos cercam.

Figura 4 - Perda da essência dos indivíduos



Fonte: arquivo pessoal

A falta do rosto dos personagens pode ser associada a incapacidade dos seres humanos de enxergarem o outro que está ao seu redor como pessoas, de modo que reduz a existência deles a “ninguém” ou “nada”. As ilustrações de Odilon Moraes nos permitem ir além das palavras escritas no papel, uma vez que estes invisíveis tomam a forma por meio da arte visual. Nós não podemos imaginar de quem se tratam essas pessoas apenas com o texto de Freitas, entretanto, as ilustrações nos permitem acessar e compreender a quem o autor se refere.

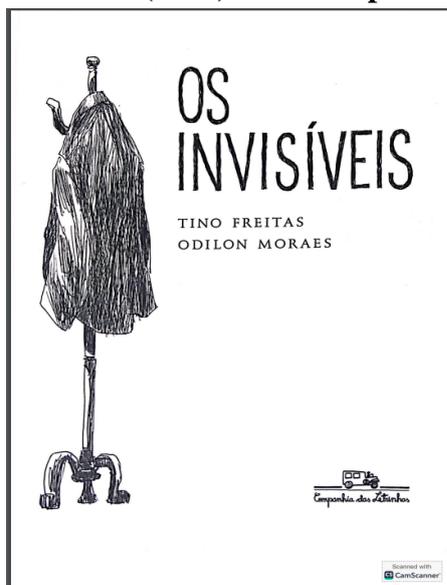
Figura 5 - Moradores de rua



Fonte: arquivo pessoal

Conforme podemos observar na figura 5, conseguimos associar a quem Freitas está se referindo através do contexto exposto pela ilustração de Moraes, visto que embora no texto “sempre que sua mãe o deixava em frente à escola” (2021, não paginado) nos faça compreender que o menino via essas pessoas no caminho da escola, só conseguimos identificá-las devido a ilustração que nos contextualiza pessoas sentadas em cima de um papelão na rua, cujas roupas estão surradas e maltrapilhas, bem como o comportamento do menino perante eles nos faz associar que o autor se refere a moradores de rua. Assim, durante a narrativa percebemos que o texto caminha junto com as ilustrações a fim de completar o sentido.

Figura 6: *Os invisíveis* (2021) ilustrado por Odilon Moraes



Fonte: arquivo pessoal

Na capa da segunda versão (figura 6), podemos observar um cabideiro com apenas um casaco pendurado nele. Não há cores chamativas que introduzem vitalidade para a obra, mas uma certa seriedade e introspecção. Nesta ilustração temos objetos e acessórios sendo ressaltados, de modo que denota um sentido de predileção por coisas, ao invés de pessoas, sugerindo a substituição que os invisíveis viessem a sofrer, bem como uma visão utilitarista acerca dessas pessoas.

Outro ponto que podemos notar com essa escolha de Moraes é que a vestimenta, muitas vezes, apresenta quem está usando a roupa, promovendo assim um olhar de julgamento das aparências sem que haja um olhar aprofundado acerca de quem a veste, tornado, assim, uma visão que machuca e afeta o outro devido a insensibilidade de quem olha. Em relação ao título, podemos notar na figura 6 que o artigo “os” está alinhado acima da sílaba “in”, de modo que “visíveis” se encontra evidenciado por estar isolado, bem como os seres humanos que são considerados invisíveis na obra.

Embora essa obra seja destinada ao público infantil, as imagens apresentam-se com um aspecto adulto, tendo em vista que se estruturam na obra com mais sobriedade, sem cores chamativas, nos remetendo ao *crossover* não apenas no conteúdo, isto é, o texto propriamente dito, como também em suas ilustrações. Dessa maneira, essa narrativa é mais acessível ao público infantil se houver algum adulto que possa mediar o diálogo do pequeno leitor com a obra. É claro que a criança também pode ler sozinha, mas talvez o significado somente seja

completado com a mediação de um leitor mais experiente que compreende os ditos e não ditos do texto.

A narrativa não possui diálogos, promovendo ao leitor um olhar atento que se detém nas reflexões dos fatos descritos e se atenha às ilustrações que apontam criticamente para a invisibilidade social. O foco narrativo desta obra estrutura-se em um narrador observador, que conta os fatos sem interferir na história. Esse narrador reforça o distanciamento do leitor de modo que ele precisa adentrar nas entrelinhas do enredo para compreender a mensagem que o autor deseja passar.

Nesse sentido, a linguagem que o autor utiliza é simples e direta, de modo que apresenta períodos curtos que colaboram para o alcance de leitores de todas as faixas etárias. A simplicidade na construção das orações intensifica a acessibilidade da obra para diferentes públicos, visto que os jovens leitores podem acompanhar a narrativa sem dificuldades. Além disso, os períodos curtos auxiliam na dinamização da leitura, promovendo que o leitor consiga alternar sua atenção para as ilustrações, que são extremamente necessárias para completar o sentido da narrativa promovida por Freitas e Moraes.

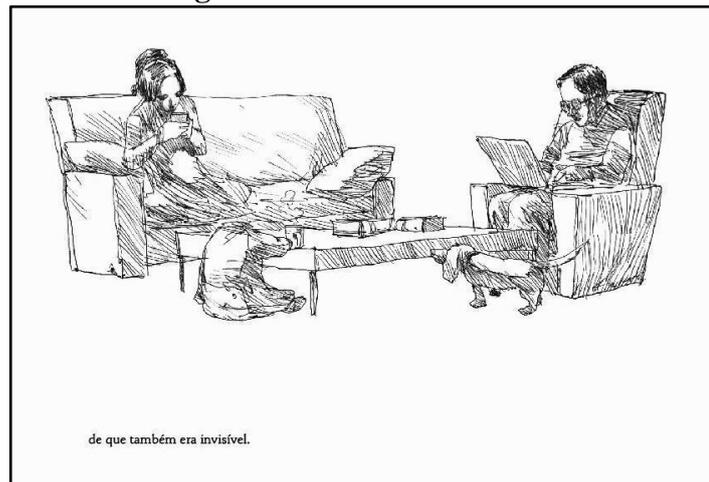
É importante ressaltar que o conteúdo da obra e a complexidade da invisibilidade social retratada na narrativa contrastam com o público leitor principal - crianças a partir de 6 anos de idade -, visto que embora a linguagem seja acessível, a temática dificulta a compreensão sem que haja reflexões mais aprofundadas.

3.2 Vivendo à margem do olhar do outro

Um ponto a ser destacado na narrativa é que nenhum personagem recebe um nome específico. Alguns são identificados através das caracterizações restritas a sua representação no núcleo familiar, como por exemplo a mãe, o pai, a avó, o avô. O menino, por sua vez, não recebe sequer o título de filho, isso corrobora com o fato de que em sua infância, ele também representa um ser invisível, assim como em sua velhice. Dessa forma, percebemos o afastamento dos indivíduos não apenas com aqueles que são considerados marginalizados, como também dentro da própria família.

Na história há o pai que conduz o menino à rua, a mãe que o leva na escola, o avô que o leva para passear na cidade, a avó que o leva para comprar guloseimas. O menino é conduzido pelos adultos, mas não é ouvido e nem visto, uma vez que “às vezes ele tinha a impressão de que também era invisível” (Freitas, 2021, não paginado).

Figura 7 - O menino invisível

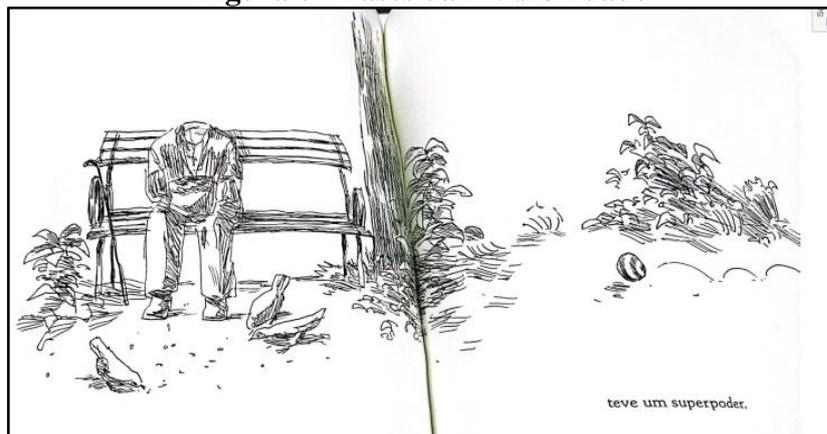


Fonte: arquivo pessoal

Na figura 7, percebemos a tecnologia como um fator de afastamento dos indivíduos, uma vez que o menino torna-se não visto pelos seus pais devido à imersão deles nesse mundo. Enquanto o menino espera a atenção dos seus familiares, tomando sua bebida, o pai encontra-se absorto em seu computador e no que esse aparelho pode oferecer. A mãe, por sua vez, entretém-se no seu aparelho de telefone celular.

Ocorre que esta é a realidade vigente nos tempos atuais, os filhos esperam não apenas pela atenção dos pais, como também pela participação deles em sua vida, principalmente em sua infância, uma vez que neste momento eles requerem mais atenção. Tendo em vista que o garoto sentia-se invisível dentro do seu núcleo familiar, lugar este que deveria ser sinônimo de segurança afetiva e conforto emocional, percebemos o quão os avanços tecnológicos podem influir no afastamento dos seres humanos, e até mesmo o esquecimento da existência deles.

Figura 8 - Fases da invisibilidade



Fonte: arquivo pessoal

O menino, quando adulto, deixa de ser invisível e perde seu poder. No entanto, ao chegar na melhor idade, agora já idoso, o personagem torna-se novamente invisível (figura 8), nos levando a perceber a invisibilidade das pessoas idosas também. Dessa maneira, compreendemos que o apagamento da identidade ocorre com as pessoas que não são consideradas úteis perante à sociedade, como o menino em sua infância e em sua velhice. Diante do exposto, percebemos que um tema sensível como o etarismo é importante ser discutido, no entanto atinge principalmente o público adulto que em grande maioria os pratica. Assim, o preconceito com pessoas idosas é trabalhado pelo autor com o intuito de levar o leitor a refletir suas ações diante deste público.

A temática fraturante do preconceito com crianças e idosos é destacada pelo autor, uma vez que as crianças e adolescentes são vistas perante à sociedade como inferiores, desinteressantes e que não merecem ser ouvidas. Do mesmo modo, percebemos o etarismo, os idosos que embora tenham adquirido experiência em suas vivências são desconsiderados. Ambos não produzem para a sociedade, não geram renda, não dão lucro, são vistos através de números, isto é, gastos. É de suma importância que esse tema seja discutido desde a infância, mesmo que a criança precise de um adulto para ela possa compreender a complexidade do conteúdo, ela entenderá que pertence a este público esquecido, bem como o adulto refletirá o seu comportamento.

Ao destacar a temática sensível da invisibilidade social, como a desvalorização da infância e da velhice, e explorar o preconceito contra crianças e idosos, evidencia-se como a sociedade muitas vezes as vê como menos válidas, ignorando suas vozes e necessidades, reforça a ideia de que a utilidade econômica define o valor de uma vida. A narrativa, ao abordar essas questões, nos leva a refletir sobre a fragilidade das identidades que não se alinham aos padrões de produtividade, expondo a urgência de um olhar mais humano e inclusivo sobre todos os indivíduos, independentemente de sua idade ou capacidade de gerar lucro.

Figura 9 - O poder da pureza de coração



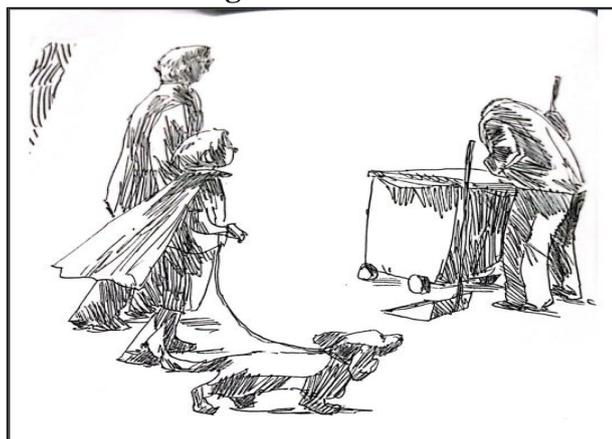
Fonte: arquivo pessoal

É importante ressaltar que, embora mencionado no início da obra que o menino possuía este superpoder, no desfecho da narrativa, percebemos que não é uma característica exclusiva dele, uma vez que a ilustração de Moraes nos leva a compreender que é um poder endereçado a todas as crianças (figura 8). Isto ocorre devido às características que são atribuídas a esses pequenos, como por exemplo, a inocência que esta fase possui, tanto que elas correm o risco de facilmente serem enganadas, pois não veem com facilidade a maldade no ser humano, dado ao estágio de desenvolvimento cognitivo e emocional a que pertencem. Assim, podemos perceber que o poder de ver além, de ver com o coração, com as emoções, que as crianças da obra transmitem, corresponde a uma alegoria do poder da infância.

É natural que a figura da criança seja associada à pureza, à bondade e à inocência, embora seja o adulto e o meio em que ela vive que moldam suas atitudes, seu processo de amadurecimento, suas ações com os outros. Nesse sentido, as obras destinadas a este público, por muito tempo, apresentaram um caráter moralizador, tendo em vista que era por meio dessas histórias que o imaginário das crianças ia se moldando no reconhecimento do que é certo e errado, conforme a sociedade determinava.

No entanto, não apenas o menino sofre pela invisibilidade em diversas fases de sua vida, como também os indivíduos que vivem marginalizados pela sociedade, de modo que novamente percebemos a presença de uma temática fraturante, visto que são estes os invisíveis que a obra evidencia, revelando suas realidades dolorosas e muitas vezes ignoradas. Junto ao menino, esses personagens se destacam, formando um retrato coletivo de vulnerabilidade perante a sociedade.

A temática da invisibilidade social sofrida pelos que estão sob olhar esquecido da sociedade decorre de um assunto complexo para ser retratado na infância, uma vez que problematizar a marginalização de determinadas pessoas exige uma sensibilidade estratégica e adaptativa para que facilite a compreensão dela. Esse tema fraturante que o autor buscou relatar nesta narrativa é evidenciado por meio das ilustrações de Moraes, visto que ele nos expõe quem são esses personagens invisíveis aos olhos humanos.

Figura 10 - Garis

Fonte: arquivo pessoal

Na figura 10, vemos uma pessoa acompanhada de um balde de lixo e uma pá de limpeza, enquanto o menino o observa. Quando Freitas (2021, não paginado) retrata que “Era assim ao sair de casa com seu pai pela manhã” na figura 11, percebemos o movimento do menino que se desprende do seu pai para alimentar um morador de rua que estava no banco. Não foi o movimento do pai, pois o pai não tinha poder - de empatia - para enxergar, mas do menino, que com sua inocência lia no outro a sua necessidade.

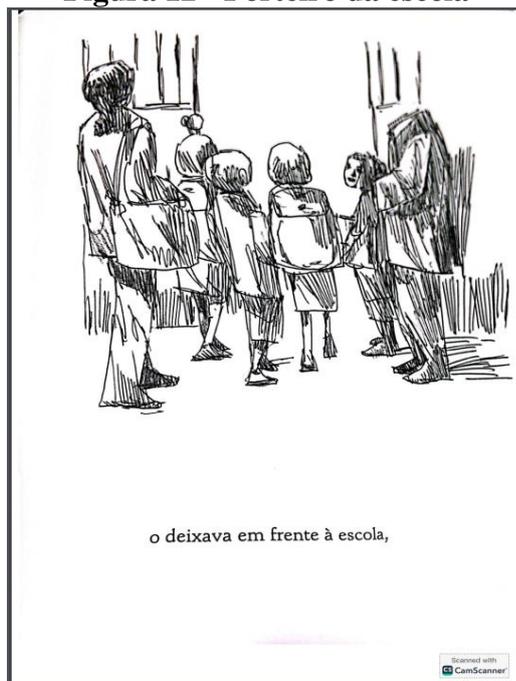
É também a partir desse desprendimento que o texto volta-se para os invisíveis retratados pela obra e vistos pelo superpoder da criança. Ele evidencia isso no texto que passa a se alinhar à direita e termina essa fase alinhado à esquerda. Podemos observar essa dinâmica a partir da sequência que as figuras 10, 11, 5, 12, 13, 14 e 7 nos mostra. Assim, o texto inicia alinhado à direita em “Era assim ao sair de casa” (Freitas, 2021, não paginado) e permanece em “com seu pai pela manhã” (Freitas, 2021, não paginado), isolando o menino que possui esse superpoder.

Em seguida, o texto torna-se contínuo nas duas partes do livro, como podemos notar nas figuras 5 e 12 “sempre que sua mãe o deixava em frente à escola” (Freitas, 2021, não paginado), na figura 13 “nas vezes em que passeava no centro da cidade com seu avô” (Freitas, 2021, não paginado) e por fim, na figura 14 “ou quando sua avó o convidava para comprar guloseimas” (Freitas, 2021, não paginado). O texto se alinha à esquerda quando esse círculo do menino que vê os invisíveis e é invisível se encerra na figura 7.

Figura 11 - O menino e o Outro

Fonte: arquivo pessoal

Conforme já vimos acima, a figura 5 tem a presença de alguns moradores de rua, e o menino que prontamente se coloca junto a eles, ouvindo e dando atenção. O menino os via “sempre que sua mãe o deixava em frente à escola” (Freitas, 2021, não paginado), bem como via o porteiro também, que está ali todos os dias, mas não é visto pelos adultos, conforme ilustra a figura 12.

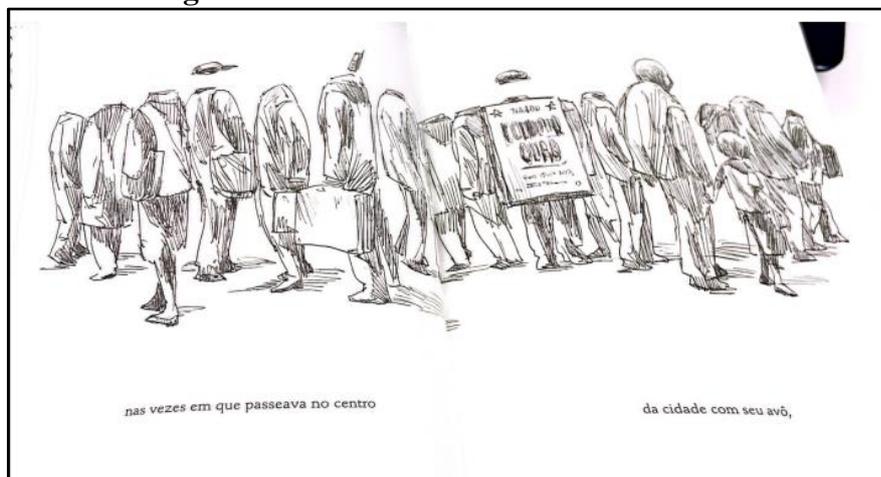
Figura 12 - Porteiro da escola

Fonte: arquivo pessoal

Ao sair com seu avô, ele via a presença de vários trabalhadores no centro da cidade, seja aqueles que correm apressados para chegar no horário da empresa, seja os panfleteiros, seja os senhores que anunciam a venda de um serviço, conforme está ilustrado na figura 13. Ele

os via também “quando sua avó o convidava para comer guloseimas” (Freitas, 2021, não paginado), o menino não só enxerga como conversa com o auxiliar de serviços gerais (figura 14). Aos olhos da criança, todos são existentes e são iguais.

Figura 13 - A multidão no centro da cidade



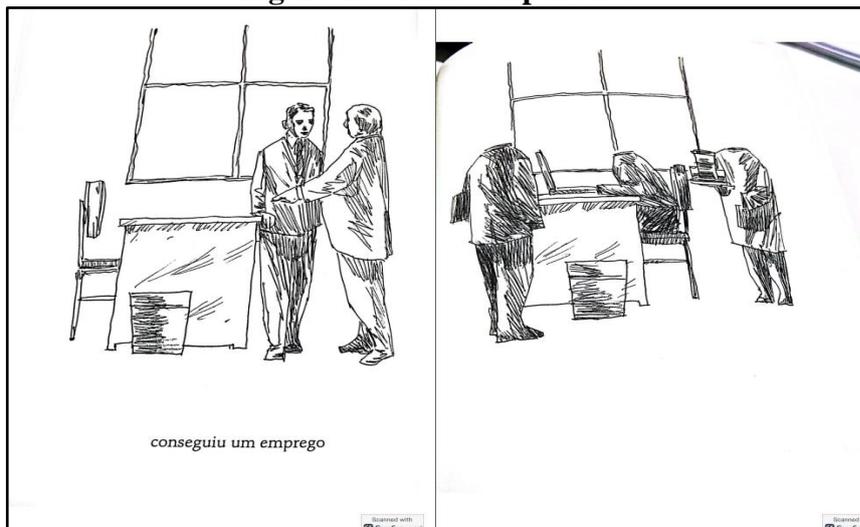
Fonte: arquivo pessoal

Figura 14 - O auxiliar de limpeza



Fonte: arquivo pessoal

É importante ressaltar que a tecnologia não apenas torna os outros invisíveis, como também invisibiliza o ser humano, uma vez que tão envolvidos no mundo tecnológico, perdemos a comunicação e a interação com outro, como podemos perceber na figura 13 o homem em meio à multidão que perde seu rosto, no entanto, o aparelho de telefone celular é evidenciado na ilustração.

Figura 15 - Meio corporativo

Fonte: arquivo pessoal

Quando adulto, o menino não vê mais os invisíveis, entretanto, eles não deixam de existir, visto que no seu novo emprego, todos os funcionários perdem sua individualidade, bem como o copeiro, conforme podemos notar na figura 15. Ocorre que o ambiente corporativo promove um distanciamento dos funcionários, a princípio por função, uma vez que ele se torna aquilo que pode produzir. Em seguida, por senso de pertencimento, visto que os colaboradores se tornam parte da empresa não por serem pessoas, mas por números e faturamento.

3.3 O Outro

Na sociedade em que vivemos, enxergar o Outro é uma tarefa que é pouco realizada, mas que não deve ser esquecida. Nessa perspectiva, trata-se dos seres humanos que vivem à margem da sociedade e que tendem a ser esquecidos pelo próximo. Na obra de Freitas (2021), o menino configura aquele que olha para fora de si e que se coloca ao encontro dos esquecidos. A partir do momento que na narrativa a criança é o ser que possui mais humanidade que os adultos, uma vez que ele é movido por suas emoções, percebemos que a racionalidade dos adultos os torna cego.

Conforme Balça (2010, p.48), “os textos literários para a infância são também o reflexo das nossas sociedades interculturais, uma vez que abordam, não raras vezes, questões como a identidade e a alteridade, a etnia e a cultura, a língua”. Na obra de Freitas (2021), percebemos o reflexo da cegueira da sociedade ante aos que mais necessitam de ser vistos. Seja a criança, seja o idoso, seja o carteiro, a atendente, o porteiro, a faxineira. Em todas as fases da vida o ser

humano precisa ser enxergado, visto que embora sejamos seres individuais, convivemos em sociedade e precisamos um dos outros.

O avanço tecnológico e a modernização do homem são fatores importantes para elucidar a cegueira dos indivíduos, visto que tão imersos nesse mundo, as pessoas deixam de se preocupar e interagir uns com os outros. Outro ponto é o ritmo frenético em que as pessoas vivem suas vidas, sendo constantemente engolidas pela rotina, pelo trabalho, pela busca do conforto e da estabilidade que esquecem de viver, de aproveitar o tempo, de se conectar com as pessoas. Assim, essa fase tão cheia de preocupações faz com que se perca a cada dia o seu poder de ver o Outro.

A literatura infantil, como qualquer forma de expressão artística, reflete valores da sociedade, atitudes e conhecimentos pertencentes ao momento histórico em que é criada, repercutindo, de maneira ampla, o movimento histórico, social e cultural. Nesse sentido, é válida a reflexão acerca da produção de livros ilustrados, sejam eles direcionados às crianças ou não. (Gili, 2016, p.188).

Dessa maneira, percebemos que a elaboração dessa obra está voltada não apenas para o imaginário de crianças, mas sim para a dos adultos, uma vez que ela tem a intenção de conscientizar acerca das pessoas que não estão sendo vistas pelos próprios adultos. É importante que as crianças consumam esse material para que, ao crescerem, não se esqueçam do poder que elas possuem. A obra critica a forma como a sociedade trata aqueles que não são marginalizados e enfatiza a importância da alteridade. *Os Invisíveis* emerge como um chamado à consciência social, para que os leitores se desafiem a perceber a indiferença e a valorizar o poder de enxergar o Outro em um mundo que frequentemente os ignora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso que a literatura infantojuvenil percorreu até a contemporaneidade em relação aos temas que ela aborda nos leva a perceber que há uma mudança significativa dos ensinamentos morais para temas que precisam de uma sensibilidade maior para trabalhar com crianças e jovens. Tais temas sempre existiram dentro da sociedade, contudo os autores escolhiam se os trabalhariam ou os deixariam de lado.

É importante ressaltar que a modernidade influi para a necessidade de abordar os temas fraturantes como a indiferença social, o preconceito com crianças, o etarismo e o distanciamento decorrente da tecnologia, isto é, a modernidade que distancia as pessoas umas das outras e que rouba sua individualidade.

Freitas (2021), em sua obra *Os invisíveis*, denuncia a cegueira da sociedade perante aqueles que são esquecidos e até mesmo ignorados, com a concepção de que tempo é dinheiro e qualidade de vida. Mas que qualidade de vida é esta que ignora aqueles que são considerados menores do que a si? Diante disso, compreendemos que ressoa a necessidade de enxergar o Outro, independentemente de quem ele seja ou represente ser, assim como as crianças durante a narrativa o fazem.

Desse modo, todas as vezes que o garoto encontra o porteiro da sua escola, o gari, o auxiliar de limpeza do mercado e os moradores de rua, bem como a garota faz como o menino idoso no banco da praça, nos faz refletir a importância de não somente nos dispor a conviver empaticamente com estas pessoas, mas de fato enxergá-las e compreender sua existência, bem como valorizá-las.

Por conseguinte, as ilustrações de Moraes complementam o sentido da narrativa de modo que expõe os não ditos do texto, permitindo que o leitor adentre a obra e reflita acerca das suas próprias ações. Isso reforça também que embora a obra seja destinada para crianças e jovens, este livro dá-se a literatura *crossover*, uma vez que atinge o público adulto, tendo em vista a complexidade dos temas que são abordados pelo autor.

Sendo assim, há necessidade de um adulto mediador para as crianças, uma vez que mesmo que os jovens leitores leiam e compreendam na medida do possível o conteúdo da obra, o adulto contribuirá para a leitura dos implícitos que ela sugere, bem como trabalhar os temas fraturantes e a alteridade que a narrativa de Freitas explora.

Por fim, acreditamos que este trabalho pode colaborar para evidenciar como a obra *Os invisíveis* (2021), de Tino Freitas, é relevante no cenário atual ao discutir artisticamente temas

tão importantes para serem trabalhados com crianças e jovens. É, também, por meio da literatura que podemos mudar o nosso olhar para com o Outro que está ao nosso lado, porém, muitas vezes ignoramos a partir do momento em que nos deixamos consumir pela rotina excessiva de trabalhos, pelo contato exagerado com a tecnologia e a forma como nos comunicamos com as pessoas que convivemos diariamente.

REFERÊNCIAS

- BALÇA, Ângela. Representações de alteridade na literatura infantil. *In*: AZEVEDO, Fernando. **Infância, Memória e Imaginário: ensaios sobre literatura infantil e juvenil**. Braga: CIFPEC, p. 47-55, 2010. Disponível em: <http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/4967>. Acesso em 29 set. 2024.
- CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2010.
- COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indoeuropéias ao Brasil contemporâneo**. 3ª ed. São Paulo: Quíron, 1985.
- COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual**. São Paulo: Global, 2003.
- DUARTE, Cristina Rothier. **Literatura de múltiplos destinatários: perspectiva metateórica à luz do leitor real**. 2023. 170 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2023. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/26766/1/CristinaRothierDuarte_Tese.pdf. Acesso em 10 set. 2024.
- FALCONER, Rachel. Crossover literature. *In*: Hunt, Peter. **International companion encyclopedia of children's literature**. Londres: Routledge, 2004.
- FERES, Beatriz dos Santos; MICHELLI, Regina. Assédio sexual na infância: o perna-de-pau, de felipe campos, e leila, de tino freitas. **Miscelânea**, Assis, SP, v. 32, p. 223–243, 2022. Disponível em: <http://seer.assis.unesp.br/index.php/miscelanea/article/view/2394/2077>. Acesso em: 20 set. 2024.
- FREITAS, Tino. **Os invisíveis**. Ilustrações de Odilon Moraes. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2021.
- GILI, Silvana. Invisíveis na cidade: invisibilidade social nos livros ilustrados contemporâneos. **Caderno de Letras**, Pelotas, nº 27, p. 183-198, dez, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.15210/cdl.v0i27.8816>. Acesso em 29 set. 2024.
- HANKE, Juliana Garcia de Mendonça. **Jovens leitores: o fenômeno crossover na obra de Machado de Assis**. 2018. 128 f. Dissertação (mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Maringá, 2018, Maringá, PR. Disponível em: <http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/7047>. Acesso em 18 set. 2024.
- KIRCHOF, Edgar Roberto; SOUZA, Renata Junqueira. A literatura infantojuvenil na contemporaneidade: desafios, controvérsias e possibilidades. **Em Aberto**, Brasília, v. 32, n. 105, p. 25-40, mai./ago. 2019.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: História e Histórias**. 6ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2007.

LIRA, Layne Maria dos Santos Batista. **O contemporâneo na literatura infantil: temas fraturantes na infância.** Orientadora: Daniela Maria Segabinazi. 2021. 75 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Licenciatura em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/21524>. Acesso em 19 set. 2024.

LUFT, Gabriela. A literatura juvenil brasileira no início do século XXI: autores, obras e tendências. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 36. Brasília, julho-dezembro de 2010, p. 111-130.

SANTOS, Gabriéla dos. **Tino Freitas e os temas polêmicos na literatura infantil: existem temas inadequados para tratar com as crianças?.** Orientadora: Dra. Lilane Maria de Moura Chagas. 2022. 66 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Licenciatura em Pedagogia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/233987>. Acesso em 19 set. 2024.

SEIXAS, Maria Victória Ruela de. **A literatura crossover de fantasia e as temáticas fraturantes em Harry Potter e o prisioneiro de Askaban e Porém bruxa.** Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/40832>. Acesso em 19 set. de 2024.

Tino Freitas. 2021. Disponível em: <https://www.tinofreitas.com.br/>. Acesso em 20 set. 2024.